



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
MESTRADO E DOUTORADO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS

WALÉRIO DE ANDRADE MENEZES

**ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS DO MUNICÍPIO DE PALMAS-  
TO: CARACTERIZAÇÃO E AMBIENTE DE REDE**

Palmas/TO  
2016

WALÉRIO DE ANDRADE MENEZES

**ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS DE DO MUNICÍPIO DE  
PALMAS-TO: CARACTERIZAÇÃO E AMBIENTE DE REDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Fundação Universidade Federal do Tocantins - UFT, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Talita Buttarello Mucari.

**Co-orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leila Rute Oliveira Gurgel do Amaral.

Palmas/TO

- 
- M543o Menezes, Walério de Andrade.  
ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS DE APOIO SOCIAL  
DO MUNICÍPIO DE PALMAS-TO: CARACTERIZAÇÃO E AMBIENTE  
DE REDE . / Walério de Andrade Menezes. – Palmas, TO, 2016.  
73 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do  
Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-  
Graduação (Mestrado) em Ciências do Ambiente, 2016.  
Orientadora : Talita Buttarello Mucari  
Coorientadora : Leila Rute Oliveira Gurgel do Amaral
1. Organização Não Governamental (ONG). 2. Medidas de  
centralidade. 3. Redes. 4. Ongs ambientalistas. I. Título
- CDD 628**
-

WALÉRIO DE ANDRADE MENEZES

ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS DO MUNICÍPIO DE PALMAS-  
TO: CARACTERIZAÇÃO E AMBIENTE DE REDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Fundação Universidade Federal do Tocantins - UFT, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente.

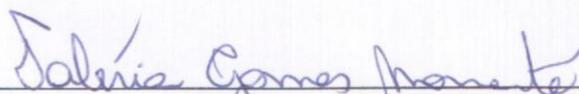
Palmas, 14 de julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA:



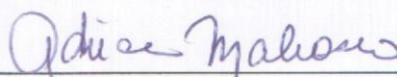
---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Talita Buttarello Mucari.  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valéria Gomes Momenté  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Malvásio  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Dedico esse trabalho à Paz.

## Agradecimentos

Primeiramente minha gratidão se dirige Aquele que é a Fonte de todas as fontes: Adonai. Se eu O agradeço, tudo o mais o receberá, pois Deus em tudo habita. Meus mais sinceros sentimentos a cada um dos 72 sagrados Nomes de HYWY.

והו	יְלִי	סִיט	עֵלֶם	מֵהֶשֶׁ	לִלְה	אֶכֶא	כְּהַת
הַזִּי	אֶלְד	לֵאו	הַהֶע	יֹל	מִבְּה	הַרִי	הַקֶּם
לֵאו	כְּלִי	לִוּו	פֶּהֶל	זֶלְךְ	יִי	מִלְה	וְהַוּו
זֶתָה	הַאֵא	יֶרֶת	שֶׁאֵה	רִיִּי	אוֹם	לִכְבֵּ	וְשֶׁר
יַחוּו	לְהַח	כּוֹק	מִזְד	אֲנִי	וְעֵלֶם	רַהֶע	יִיז
הַהֵה	מִיכ	וּוֹל	יֵלָה	סֵאֵל	עֶרִי	עֶשֶׁל	מִיָּה
וְהוּו	דְּנִי	הַחֶשֶׁ	עֵמֶם	זֵנָא	זֵיָה	מִבְּה	פּוּי
זֵמֶם	יֵיֵל	הַרְחֹו	מֵאֵר	וּמֵב	יָהֵה	עֵזוּו	מוּזִי
דְּמֵב	מִזְק	אֵיע	וְחֵזוּ	רֵאֵה	יֵצֵמ	הַיִּי	מוֹם

Minha imensa gratidão aos familiares com quem compartilho o laço sanguíneo, pois foram minhas bases firmes em um mundo de permanente instabilidade. Também agradeço aos familiares cujo não possuo parentesco carnal, mas repartimos a alma, pois tudo que vive é irmão e deseja, ansiosamente, a fraternidade.

Agradeço as minhas orientadoras neste projeto, pela paciência (Ciência da paz) e por terem suportado minha falta de habilidade, inteligência e disciplina.

Agradeço aos meus amigos, velhos companheiros, pelo prazer de suas companhias durante a longa caminhada pelas áridas regiões do viver. Gratidão aos amigos que me abriram os olhos e renovaram minhas pupilas, tão gastas na “inspeção contínua e dolorosa do deserto”.

Por fim, agradeço aos reinos da natureza. Neles vivo, me movo e existo. Em cada pedra que me feriu, um aprendizado; em cada vegetal que plantei, uma esperança; em cada animal que cruzou meu caminho, um novo amor.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ABONG** – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais
- CMAS** – Conselho Municipal da Assistência Social
- ECOSOC** – Conselho Econômico e Social das Nações Unidas
- FASFIL** – Fundações e Associações Sem Fins Lucrativos
- FBCN** – Fundação Brasileira para Conservação da Natureza
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICNPO** – Classificação Internacional das Organizações Sem Fins Lucrativos
- IDH** – Índice de Desenvolvimento Humano
- IPEA** – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- IUCN** – International Union for Conservation of Nature and Natural Resources
- WWF** – world Wildlife Fund
- ONG** – Organização não governamental
- ONGD** – Organizações não governamentais para o desenvolvimento
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- OSCIP** - Organização da sociedade civil de interesse público
- PIB** – Produto Interno Bruto
- UNCED** – United Conference on Environment and development

## SUMÁRIO

CAPÍTULO I .....	1
1. INTRODUÇÃO GERAL .....	1
1.1 O terceiro setor e as Organizações Não Governamentais (ONGs).....	1
1.2 Redes.....	5
1.3 Redes e Organizações Não Governamentais (ONGs).....	8
1.4 Organizações Não Governamentais (ONGs) Ambientais e a Sustentabilidade .....	11
1.5 Apresentação dos capítulos .....	13
2. Referências Bibliográficas.....	14
CAPÍTULO II .....	17
Perfil e ambiente de Rede das organizações não governamentais de apoio social do município de Palmas – TO .....	17
1. Introdução .....	19
2. Metodologia.....	20
3. Resultados e Discussão .....	23
3.1 Perfil das Organizações Não Governamentais (ONGs) de Apoio Social	23
3.2 Redes de Articulação das Organizações Não Governamentais (ONGs) de Apoio Social .....	27
4. Considerações Finais.....	35
5. Referências Bibliográficas.....	37
Apêndice 1 .....	39
CAPÍTULO III .....	46
2. Metodologia.....	49
3. Resultado e Discussão.....	51
3.1 Características das ONGs ambientais .....	51
3.2 A ONGs ambientais na dinâmica de rede .....	57
4. Considerações Finais.....	60
5. Referências Bibliográficas.....	61
APÊNDICE 2.....	63
CAPÍTULO IV.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	66

# CAPÍTULO I

## 1. INTRODUÇÃO GERAL

### 1.1 O terceiro setor e as Organizações Não Governamentais (ONGs)

A emergência do “terceiro setor” marcou as discussões nas últimas décadas em diversas áreas e ganhou, cada vez mais, a atenção dos pesquisadores. O terceiro setor caracteriza-se, principalmente, por ser um cenário em vias de construção. Os autores debatem uma definição adequada para este segmento, tendo-se portanto, na literatura diversos conceitos relacionados à terminologia.

Esta terminologia “terceiro setor” teve origem nos Estados Unidos, entre as décadas de 50 e 70, quando entidades filantrópicas que atuavam no país foram acusadas pelo governo norte-americano de concentração de poder e ameaça à democracia. O momento histórico estava impregnado pelo temor do avanço comunista, o que levou o governo a financiar várias pesquisas a respeito de tais organizações. Em consequência, originou-se o termo “*nonprofit sector*” (setor sem fins lucrativos) por estar constituído de grupos financiados por doações, marcados pelo voluntariado e ações caritativas (Falconer,1999). Para o autor, terceiro setor é o termo que encontra maior aceitação ao definir um conjunto de iniciativas provenientes da sociedade e voltadas para produção de bens públicos.

Segundo Oliveira (1999), a terminologia “Third Sector” (Terceiro Setor) foi cunhada por Jonh D. Rockefeller ao expor, em um texto de 1978, a existência de um sistema tri-setorial composto por governo, mercado e setor privado.

Para Fernandes (1994), o terceiro setor não é formado por órgãos públicos, nem por empresas orientadas pela lucratividade, mas ocupam um terceiro espaço, entre o público e o privado, com características de ambos.

Botero (2001) aponta que o terceiro setor não constitui uma área de conhecimento legítima.

Falconer (1999) traçou um quadro referencial sobre o uso do termo no país:

[...] “o termo terceiro setor, no uso corrente, é usado para se referir à ação social das empresas, ao trabalho voluntário de cidadãos, às organizações do poder público privatizadas na forma de fundações e ‘organizações sociais’. Mais do que um conceito rigoroso ou um modelo solidamente fundamentado em teoria – organizacional, política ou sociológica – terceiro setor, no Brasil, é uma idéia-força, um espaço mobilizador de reflexão, de recursos e, sobretudo, de ação” (FALCONER, 1999, p.2).

Essa “idéia-força” se consolidou como categoria socioeconômica à medida que se diferenciou e afirmou a própria identidade. Segundo Costa e Visconti (2001), ainda que as dificuldades persistam, a esfera de atuação pública não estatal contribui decisivamente para a construção do capital social brasileiro, incorporando visões abrangentes e alternativas inovadoras.

Conquistas importantes foram implementadas para diminuir a instabilidade deste setor. A mais recente foi a Lei Federal 13.019/2014 de 27 de julho de 2015, que estabelece o regime jurídico aplicável às parcerias entre a Administração Pública e as organizações da sociedade civil. O objetivo dessa lei é o controle sobre o acesso das organizações sociais aos recursos públicos, contudo, trata-se também de mais uma lacuna histórica a ser suprida e um passo a mais em direção ao reconhecimento desse setor no país (MACIEL; BORDIN, 2014).

Sob a égide do terceiro setor, encontra-se grande variedade de instituições e nomenclaturas, agrupadas sob a mesma classificação, fator que torna mais complexo sua conceituação. Agrupam-se, nessa designação, associações comunitárias, fundações, institutos empresariais, entidades assistenciais, filantrópicas, organizações não governamentais (ONGs), dentre outras.

Neste contexto, as ONGs são consideradas uma das subcategorias de maior expressão e relevância para o terceiro setor. Segundo Falconer (1999),

as ONGs constituem importante componente do terceiro setor e influenciaram fortemente sua formação, mesmo que a natureza deste relacionamento ainda não tenha sido esclarecida adequadamente.

A ABONG (Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais), fundada no Brasil em 1991, conceitua essas organizações no Art. 2 do seu estatuto:

[...] “são consideradas Organizações Não Governamentais-ONGs, as entidades que, juridicamente constituídas sob a forma de fundação ou associação, todas sem fins lucrativos, notadamente autônomas e pluralistas, tenham compromisso com a construção de uma sociedade democrática, participativa e com o fortalecimento dos movimentos sociais de caráter democrático, condições estas, atestadas pelas suas trajetórias institucionais e pelos termos dos seus estatutos” (ABONG, 2015).

De acordo com essa definição, embora estejam no mesmo setor, as ONGs diferenciam-se das demais entidades sem fins lucrativos em função de sua atuação que, necessariamente, é comprometida com a construção e o fortalecimento social.

Os primeiros registros dessas organizações são datados do século XVI, quando surgiram por meio da prática de ações relacionadas à assistência social e humanitária. Tais grupos estavam ligados ao contexto religioso e, durante vários séculos, permaneceram atrelados principalmente à atuação caritativa até que outros interesses conquistaram espaço (TAVARES, 1999). Após a segunda guerra mundial, tais organizações consolidaram-se, aumentando em prestígio e reconhecimento, quando ampliaram sua atuação no cenário internacional.

Um dos eventos que marcou a trajetória das ONGs ocorreu em 1945, quando várias nações uniram-se no encontro intitulado *Conferência de São Francisco*, para debater os princípios da Carta das Nações Unidas (que posteriormente viria a culminar na criação da ONU). Durante o encontro, várias organizações não governamentais tiveram um papel ativo de apoio e endosso da opinião pública para a iniciativa, esta que, segundo Tavares (1999) desencadeou no convite para que 42 ONGs participassem da Delegação norte-americana à Conferência. Segundo o autor, além destas, outras 197

instituições enviaram representantes na qualidade de observadores. A presença de tais organizações explica, em grande parte, a redação do artigo 71 que legitima a ação das ONGs e atribui ao ECOSOC (Conselho Econômico e Social das Nações Unidas) o papel de regular sua participação junto à ONU.

No Brasil, diversas entidades de cunho filantrópico ou assistencial já atuavam entre 1960 e 1970, mas a adoção da nomenclatura “ONG” foi um processo de assimilação progressiva, que iniciou mais tarde, no contexto da ditadura militar (MACHADO, 2012).

Landim (1993) afirma que a maior parte desses grupos, ativos na época ditatorial, era conhecida como “Centros Populares” e não operava no intuito de promover formas de apoio comunitário, mas de opor-se às injustiças sociais cometidas pelo regime.

Durante a década de 90, essas entidades adquiriram prestígio e conhecimento popular. Segundo Landim (1993), as ONGs apareciam esporadicamente na imprensa dos anos 80, contudo, somente após a Rio-92<sup>1</sup>, foram mais enfatizadas pela mídia. Esse momento histórico marca a introdução do termo “ONG” no vocabulário da população brasileira.

Essa conferência mobilizou a sociedade civil organizada e culminou, posteriormente, na criação do “Fórum Brasileiro de ONGs - Preparatório para a Conferência da Sociedade Civil sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento”, que continuou a articular as entidades civis brasileiras (LANDIM, 1993).

Porém, como um reflexo da indefinição conceitual do terceiro setor, as organizações não governamentais também carregam a marca da instabilidade e sua definição não é uma tarefa simples. Vakil *apud* Roesch (2002) encontrou em suas pesquisas 18 taxonomias diferentes para ONGs. O caráter polissêmico do termo é explicado por três razões distintas: sua natureza multidimensional, que inclui vários tipos; o caráter interdisciplinar das leituras que abordam o tema e a diversidade dessas organizações, que tem origem em diferentes épocas e engajam-se em múltiplas atividades e setores.

No Brasil, sua tipologia é variada e pode ser encontrada com uma série de denominações, tais como: ONGD (Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento), Agência Voluntária, Organização de Cidadãos, OSC

---

<sup>1</sup> A RIO-92 é conhecida internacionalmente como UNCED (United Conference on Environment and Development).

(Organização da Sociedade Civil – CSOs na sigla em inglês), Organização Voluntária Privada, entre outras.

O próprio termo “Organização Não Governamental”, consagrado pelos países fundadores da ONU, é apontado como fonte de imprecisão, pois, ao se definir basicamente como uma negação, deu vazão a várias interpretações em contextos diferentes (TAVARES, 1999).

Do ponto de vista jurídico brasileiro, conforme referenciado no estatuto da ABONG, todas essas denominações se constituem legalmente apenas como *associações ou fundações*. Portanto, as diversas nomenclaturas (como ONG, Instituição, Entidade, Organização, dentre outras) são apenas formas de autodenominação utilizadas no dia-a-dia, às vezes, na própria razão social (MORAIS et al, 2005). Assim, as terminologias não têm validade jurídica e são utilizadas segundo o arbítrio dos fundadores. Essa abertura permite uma flexibilidade, muitas vezes comprometedora, resultando numa pluralidade de visões ideológicas.

Tal situação problematiza o diálogo das ONGs com os gestores públicos e a sociedade. Contudo, essas dificuldades limitam-se prioritariamente ao campo burocrático já que, na prática, as instituições permanecem conectadas entre si e, independente de sua finalidade ou classificação, constituem verdadeiras redes sociais de solidariedade e interdependência.

## **1.2 Redes**

O estudo de redes está inserido nos mais variados contextos como uma forma de compreender o funcionamento e os padrões de organização em diversas áreas. Seu uso teve início em 1930 nas pesquisas sociais e do comportamento, progredindo de forma lenta até o final do século, quando se expandiu rapidamente entre os pesquisadores (CARRINGTON; SCOTT; WASSERMAN, 2005).

Pela forma como surgiu, a análise de redes é um esforço interdisciplinar e seus conceitos foram desenvolvidos a partir do encontro entre teorias e práticas sociais como matemática formal, estatística e metodologia

computacional (WASSERMAN; FAUST, 1994). Os autores ainda afirmam que os pioneiros em análise de redes sociais vieram da sociologia e da psicologia social, por exemplo, Moreno, Cartwright, Newcomb e Bavelas; e na antropologia, Barnes e Mitchell. Entretanto, significados centrais como os de “relação”, “rede” e “estrutura” surgiram quase independentemente em diversas disciplinas (WASSERMAN; FAUST, 1994) Marteleto (2001) aponta que o trabalho em redes é tão antigo quanto à história da humanidade, apenas seu reconhecimento como ferramenta teórico-metodológica é que foi recente.

Por se tratar de uma temática interdisciplinar, a definição de redes esbarra na diversidade conceitual. Hecker (2008) expõe que os pesquisadores, ao abordarem o estudo das redes em suas especificidades, criaram diversos pontos de vista, e destaca pelo menos três principais na análise de redes sociais: o econômico, o organizacional e o social.

Para o autor, teóricos de redes na perspectiva econômica estudaram as relações estratégicas de mercado e as transações financeiras aplicadas às cadeias produtivas industriais, entre outros, utilizando o conceito de redes. No segundo grupo, o organizacional, considera-se a relação das empresas dentro de um ambiente de redes e como essas revolucionam a dinâmica do tradicional sistema de hierarquias empresariais. O grupo social entende as redes como um conjunto de relações sociais. Pereira e Costa (2007) definem as redes sociais como “um espaço de convergência de vários atores sociais que precisam tecer uma articulação de esforços perante objetivos definidos, objetivando potencializar recursos” (2007, p.4).

Na perspectiva social, as redes permitiram uma revolução na forma como é compreendida a sociedade, a qual passou a enfatizar os vínculos, deixando os atores em segundo plano, o que reforça suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização (MARTELETO, 2010).

O pesquisador de rede social procura por padrões profundos que estão implícitos nos complexos sistemas sociais. Segundo Wellman (1983), os analistas de redes buscam:

“[...] descrever estes padrões e usam essas descrições para aprender como as estruturas de redes influenciam o comportamento social e produzem mudança. Suas descrições estão baseadas no conceito de laços (ties), conectando nódulos (nodes) em um sistema social – laços que conectam pessoas, grupos, organizações” (WELLMAN, 1983 apud FONTES, 2004, p.249).

Os tipos de análises e metodologias utilizados para a descrição e compreensão dos padrões ocultos em determinados sistemas são diversos. Entretanto, para o estudo de redes, uma das medidas empregadas é o da centralidade. As medidas de centralidade são utilizadas para distinguir a importância relativa que os atores têm para o sistema, quais os mais influentes e em que grau movimentam o fluxo das relações.

A noção de centralidade foi primeiramente introduzida por Bavelas (1950) e desde então, várias medidas surgiram, sendo que muitas não possuíam embasamento teórico fundamentado ou, em alguns casos, eram demasiadamente complexas, causando confusão quanto ao que realmente estavam mensurando (COSTA; DEL-VECCHIO, 2015).

Dessa forma, Freeman (1979) revisou diversas medidas existentes e as classificou em três eixos básicos:

- a) Centralidade de Grau (*Degree Centrality*): é a medida mais fundamental e mensura, basicamente, a quantidade de ligações que um ator possui. Quanto mais ligações ele possuir mais importante e central é o ator para a rede.
- b) Centralidade de intermediação (*Betweenness Centrality*): para Freeman (1979) essa centralidade é um índice de potencial para controle das comunicações. É a medida da frequência com que um ator aparece no menor caminho entre dois atores quaisquer. Newman (2003) postula que a centralidade de intermediação calcula a influência que um determinado ator tem na difusão das informações na rede.
- c) Centralidade de proximidade (*Closeness Centrality*): mede o quão próximo está um ator em relação ao outro. Segundo Freeman (1978) esse índice é um indicador de independência e eficiência para um determinado ator na rede. Sua importância está “relacionada com o

tempo no qual uma informação leva para ser compartilhada com todos os vértices (atores) da rede, sendo o nó (ator) central aquele que deve receber as informações primeiro” (COSTA; DEL-VECCHIO, 2015, p. 954).

As três medidas relacionadas são indicadores de como a centralidade pode afetar os processos de grupo. O seu uso está condicionado a que tipo de percepção sobre centralidade se deseja (sob a perspectiva do controle, da independência ou da atividade) e qualquer combinação dessas três pode ser apropriado em uma determinada aplicação (FREEMAN, 1979).

O estudo da centralidade em uma estrutura é um dado fundamental, uma vez que o conhecimento das posições estratégicas ocupadas por cada ator é essencial para embasar ações de maior precisão, eficiência e alcance em nível de rede.

### **1.3 Redes e Organizações Não Governamentais (ONGs)**

A atuação em rede é uma ação essencial para as organizações não estatais, que a utilizam para fortalecer seus objetivos e potencializar seus recursos. Pinto e Junqueira (2008) postulam que a estrutura em rede é a base da formação comunitária, destacando as ONGs como grupos influentes, uma vez que são instrumentos para a implantação e controle social de políticas públicas.

Em um mundo cada vez mais interligado e dinâmico, onde os laços de cooperação são necessários para o fortalecimento de qualquer segmento, uma perspectiva de redes pode tornar-se algo fundamental para a compreensão mais ampla de uma ação conjunta (CARDOSO; CASTELLS, 2006).

As entidades do terceiro setor não poderão atuar de maneira isolada se pretendem abordar efetivamente as complexas teias sociais. As estruturas formais das organizações têm sido substituídas por modelos que enfocam a capacidade de articulação de redes, privilegiando as relações entre indivíduos e grupos (FALCONER, 1999).

[...] “as redes, no universo de mudanças, surgem como uma linguagem de vínculos entre as relações sociais e as organizações que interagem, mediadas por atores sociais que buscam entender de maneira compartilhada a realidade social. [...] Nas redes, os objetivos definidos coletivamente, articulam pessoas e instituições que se comprometem em superar de maneira integrada os problemas sociais” (JUNQUEIRA, 2004, p. 29).

Essas “redes de solidariedade” podem ser provedoras de informação, apoio emocional e outros tipos de auxílio, não passíveis de quantificação ou racionalização segundo a lógica mercantilista e estatal. A rede informal é um importante instrumento para o enfrentamento de adversidades, insegurança econômica, ausência de serviços públicos, entre outros (FONTES; EICHNER, 2001).

Heckert (2008) identifica variáveis relevantes para a análise de redes:

- 1) *Centralidade da missão*: Enquanto as organizações com fins lucrativos objetivam o lucro, as entidades sem fins lucrativos justificam-se pela missão, que é sua pedra de sustentação. Uma missão é um foco aglutinador, que direciona os esforços de todos para sua consecução.
- 2) *Pequeno porte das organizações*: As organizações típicas do Brasil são muito pequenas, tanto em termos financeiros quanto em número de profissionais, o que gera efeitos positivos e negativos próprios dessa condição.
- 3) *Multiplicidade dos stakeholders*<sup>2</sup>: Além das instituições não estatais se relacionarem com pelo menos dois públicos (financiadores e beneficiários), se envolvem com uma multiplicidade de stakeholders como: profissionais, voluntários, familiares, governo e sociedade em geral. Grupos com expectativas tão distintas geram grande sobrecarga para as instituições.
- 4) *Valorização da democracia e da participação*: As entidades sem fins lucrativos se pautam por estilos de gerência dentro de uma perspectiva emancipatória de seus participantes, havendo preferência por processos de gestão participativa.
- 5) *Necessidade de accountability*: Esse termo não possui uma tradução

---

<sup>2</sup> Stakeholders: agentes externos à organização.

precisa para o português. Refere-se “à necessidade de transparência e ao cumprimento da responsabilidade da organização de prestar contas perante os diversos públicos que tem interesses legítimos diante dela” (FALCONER, 1999, p. 132).

6) *Financiamento dissociado da prestação do serviço*: Ao contrário das empresas, em uma organização não governamental quem recebe o serviço não é quem paga por ele. Geralmente os beneficiários usufruem gratuitamente dos serviços mantido por doações de financiadores.

7) *Escassez de recursos*: Essa é uma dificuldade enfrentada tanto pela rede quanto pelas organizações que a compõem, já que, muitas vezes, elas não possuem fonte própria de renda.

8) *Trabalho voluntário*: Os voluntários possuem identificação com a missão das organizações e apresentam forte motivação para o trabalho, somando uma parte significativa das organizações não governamentais. Por outro lado, muitas vezes não possuem as qualificações desejadas para as funções que realizam.

9) *Amadorismo da gestão*: Mesmo que exista uma pressão para a profissionalização, muitas organizações não governamentais são geridas de forma amadora. Mesmo que os líderes estejam motivados, muitas vezes não possuem experiência para que as instituições ganhem escala em suas operações.

Além das características citadas, a diversidade das próprias ONGs cria um cenário de heterogeneidade. Em uma rede composta por diversos tipos de instituições, aquelas que possuem missões semelhantes, podem unir-se e compor verdadeiras “sub-redes” temáticas, agrupando interesses específicos como: defesa dos direitos, serviços sócio-assistenciais, entre outros. No caso deste trabalho, explorar-se-á a sub-rede formada pelas ONGs que atuam na sustentabilidade ambiental.

## **1.4 Organizações Não Governamentais (ONGs) Ambientais e a Sustentabilidade**

Cada ONG possui seus próprios objetivos e, baseados neles, buscam na rede os recursos necessários para alcançar sua missão institucional. Por vezes, o caminho de menor resistência é a formação de parcerias com outras entidades que compartilham semelhanças entre suas ideologias.

Assim, pode-se observar nos sistemas sociais a existência de “micro padrões” ou “sub-redes”, os quais são constituídos por instituições ligadas a uma mesma temática ou campo de atuação. Esses grupos favorecem a sinergia das informações ao estabelecerem “elos” entre os diferentes atores (TOMAÉL, ALCARÁ, DI CHIARA, 2005).

Um dos temas de grande relevância que, frequentemente, aglutinam as ONGs em uma mesma causa é o meio ambiente. As causas ambientais têm alcançado uma sólida representação na sociedade, mobilizando uma grande quantidade de instituições sem fins lucrativos nos últimos anos.

No Brasil, as origens do ativismo ambientalista institucional podem ser encontradas na FBCN (Fundação Brasileira para Conservação da Natureza), uma entidade de perfil conservacionista fundada no Rio de Janeiro, em 1958. Seus membros estavam envolvidos na questão ecológica por motivos profissionais e trabalhavam, principalmente, na burocracia estatal como funcionários públicos (ALONSO; COSTA; MACIEL, 2007).

Após o período ditatorial, a abertura política constituiu um marco em novos padrões de formação para militantes e profissionais atuantes na área do meio ambiente. Os grupos ambientalistas, a partir daí, ficaram caracterizados por dois momentos distintos:

O primeiro, que começou de maneira tímida no início dos anos 70, ficou conhecido por um número relativamente pequeno de organizações ambientais de pequena influência e expressão, atuando em causas pontuais. Esses grupos eram formados, geralmente, por indivíduos provenientes da elite, detentores de elevada classe social, com pensamento ambientalista

“aristocrático” baseado, fundamentalmente, na bagagem cultural e política herdada do próprio grupo familiar (OLIVEIRA, 2008).

O segundo momento ocorreu após a década de 1980, quando se observou um aumento expressivo de participantes e organizações em defesa da causa ambiental. Muitos ambientalistas se voltaram para o campo político. Profissionais de diferentes áreas se aproximaram das ONGs, tornando-as mais estruturadas e com objetivos mais definidos (OLIVEIRA, 2008). Posteriormente, na década de 90, esse movimento veio a se consolidar em decorrência da realização da ECO-92 no Rio de Janeiro (UHR; UHR; MUELLER, 2012).

Durante sua trajetória essas organizações ganharam visibilidade e atuaram como agentes de transformações sociais, havendo um crescimento exponencial do seu número, principalmente nas Américas. De acordo com Leis (2004), no período entre 1965 e 1995, o número de organizações na Europa cresceu quase 10 vezes e na América do Norte aproximadamente 15 vezes. Na África cresceu 6 vezes e na América Latina mais de 12 vezes.

Durante essas décadas, as ONGs passaram a incorporar os valores inerentes ao ambientalismo. Segundo Leda, Castro e Rocha (2003, p. 6), as organizações ambientalistas “têm por objetivo principal a proposição de ações que possam constituir uma alternativa viável de reversão do quadro de degradação ambiental”.

O movimento gerado por essas organizações tornou-se um fator de grande influência nas discussões ambientais, sua pressão sobre as empresas e governo alertaram riscos e aperfeiçoaram a gestão ambiental, com contribuição significativa para alavancar discussões sobre a sustentabilidade ambiental (MAY; LUSTOSA; VINHA, 2003). Antes de 1970, quando ocorreu a grande disseminação das ONGs ambientais, eram pequenas as preocupações com o meio ambiente e a sustentabilidade. Diante dos grandes problemas advindos, houve rápido desenvolvimento dos estudos, práticas e conceitos relacionados ao campo do desenvolvimento sustentável (MIKHAILOVA, 2004).

Em razão disso, é relevante compreender a prática da sustentabilidade ambiental nas ONGs e a influência dessa discussão sobre o cenário geral das redes.

## **1.5 Apresentação dos capítulos**

A pesquisa está organizada em duas partes:

- a) a primeira parte (Capítulo II), com o objetivo de levantar o número e o perfil de ONGs de Apoio Social do município de Palmas - TO, traçar o mapa da atuação em rede dessas instituições e estudar a dinâmica das relações no contexto da centralidade das redes sociais, com identificação de atores estratégicos para o fortalecimento coletivo. Considerando que em Palmas -TO não há pesquisas semelhantes sobre o tema, o cenário de ação das organizações permanecia desconhecido, o que dificultava qualquer intervenção nesse contexto;
  
- b) na segunda parte (Capítulo III), teve-se como objetivo diferenciar e caracterizar, entre as organizações elencadas, as classificadas como ambientais, além de compreender as dinâmicas de “sub-rede” e a importância das ONGs ambientalistas para as relações sistêmicas. Com isso torna-se possível, na rede dessas instituições, o planejamento de novas metas na área de sustentabilidade ambiental.

## 2. Referências Bibliográficas

ALONSO, A; COSTA, V; MACIEL, D. Identidade e estratégia na formação do movimento ambientalista brasileiro. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 79, nov. 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS. ABONG. **Estatuto Social**. Disponível em: <<http://www.abong.org.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

BAVELAS, A; Communication patterns in task-oriented groups. **Journal of the Acoustical Society of America**, 22, p. 723-730, 1950.

BOTERO, O. L. T. El estado de la investigación sobre el tercer sector y la sociedad civil en américa latina y el caribe. **International Society for third-Sector Research**, p. 1–29, 2001.

CARDOSO, G.; CASTELLS, M. A Sociedade em Rede – Do Conhecimento à Ação Política. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. **Anais...Belém**: 2006. Disponível em: <[http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a\\_sociedade\\_em\\_rede\\_-\\_do\\_conhecimento\\_a\\_acao\\_politica.pdf](http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2014

CARRINGTON, Peter J.; SCOTT, John; WASSERMAN, Stanley (Ed.). **Models and methods in social network analysis**. Cambridge university press, 2005.

COSTA, C.; VISCONTI, G. **Terceiro setor e desenvolvimento social**. RELATO SETORIAL Nº 3 AS/GESET. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento. p. 35, 2001.

COSTA, E. F.; DEL-VECCHIO, R. R. Análise de centralidade de proximidade em aeroportos dos Estados Unidos da América. **XXIX Congresso Nacional de Pesquisa em Transporte da ANPET**, p. 953–962, 2015.

FALCONER, A.P. **A promessa do terceiro setor: um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão**. Dissertação (Mestrado em Administração) — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

FERNANDES, Rubem César. **Privado Porém Público: o Terceiro Setor na América Latina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FONTES, B. Capital social e terceiro setor: sobre a estruturação das redes sociais em associações voluntárias. Fontes, comps. **Redes sociais e saúde: novas possibilidades teóricas**, p. 239–264, 2004.

FONTES, B. A. S. M.; EICHNER, K. Sobre a estruturação de redes sociais em associações voluntárias: estudo empírico de organizações não-governamentais da cidade do Recife. **Sociedade e Estado**, v. 16, n. 1-2, p. 187–221, 2001.

FREEMAN, L. C. Centrality in Social Networks Conceptual Clarification. **Social Networks**, v. 1, n. 3, p. 215–239, 1979.

HECKERT, C. R. **Redes no Terceiro Setor: Condições favoráveis à transferência de conhecimento**. 2008. v. 1. 252 f. Tese de doutoramento (Doutorado em Engenharia) - Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

JUNQUEIRA, L. A. P. A gestão intersetorial das políticas sociais e o terceiro setor. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 1, p. 25–36, abr. 2004.

LANDIM, L. **A invenção das ONGs: Do serviço invisível à profissão impossível**. Tese de doutoramento. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

LEDA, A.; CASTRO, C. DE; ROCHA, G. S. Modelos de gestão de ONGs ambientalistas: um estudo comparativo em três organizações brasileiras. In: **encontro da associação nacional de programas de pós-graduação em administração**, 27., Atibaia, 2003. Anais ... Atibaia: ANPAD, 2003

LEIS, H. R. Parte II: As críticas do ambientalismo. In: **A modernidade insustentável**. Montevideo: Coscoroba Ediciones, p. 178, 2004.

MACHADO, A. O percurso histórico das ongs no brasil: perspectivas e desafios no campo da educação popular. IX Seminário nacional de estudos e pesquisas “**História, sociedade e educação no Brasil**”. Anais...João Pessoa - PB: 2012. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/5.05.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/5.05.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2014

MACIEL, A. L. S.; BORDIN, E. B. **A face privada na gestão das políticas públicas**. Porto Alegre (RS): Fundação Irmão José Otão, p. 403, 2014. Disponível em: <<http://observatorioterceirosetor.org.br/wp-content/uploads/2014/12/Ebook-A-face-privada-na-gest%C3%A3o-das-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

MAY, P. H.; LUSTOSA, M. C.; VINHA V. da (Orgs.). **Economia do meio ambiente: teoria e prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 340, 2003.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v. 30, n. 1, p. 71–81, abr. 2001.

MARTELETO, R. M. Redes Sociais, Mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, p. 27–46, 2010.

MIKHAILOVA, I. Sustentabilidade: Evolução Dos Conceitos Teóricos E Os Problemas Da Mensuração Prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**, nº16, p. 22–41, 2004.

MORAIS, A. C. B. et al. **Manual do Terceiro Setor**. Instituto Pró Bono, São Paulo, p. 107, 2005.

NEWMAN, M. E. J. The Structure and Function of Complex Networks. **SIAM Review**, v. 45, n. 2, p. 167–256, 2003.

OLIVEIRA, W. J. F. DE. Gênese e Redefinições do Militantismo Ambientalista no Brasil. **Dados**, v. 51, n. 3, p. 751–777, 2008.

OLIVEIRA, M. D. **Cidadania e Globalização: a política externa brasileira e as ONGs**. Brasília - DF: Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre Gusmão, Centro de Estudos Estratégicos, p. 143, 1999.

PEREIRA, R.; COSTA, E. O. Redes, capital social e comunidades de práticas, suas interações para a troca de conhecimento. **XXVII Encontro nacional de engenharia de produção**. A energia que move a produção: um diálogo sobre integração, projeto e sustentabilidade, p. 1–9, 2007.

PINTO, Á. M. G.; JUNQUEIRA, L. A. P. A análise de redes sociais como ferramenta de diagnóstico das relações de poder. **eGesta**, v. v.4, n. n.1, p. 33–59, 2008.

ROESCH, S. Gestão de ONGs: rumo a uma agenda de pesquisas que contemple a sua diversidade. In: **Encontro anual da associação nacional dos programas de pós-graduação em administração**, 26., Salvador, BA. Anais... Salvador: Anpad, 2002.

TAVARES, R. N. **Organizações não governamentais nas Nações Unidas**. Brasília: Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre Gusmão, Centro de Estudos Estratégicos, p. 204, 1999.

TOMAÉL, M. I; ALCARÁ, A. R; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005.

UHR, D. D. A. P.; UHR, J. F. Z.; MUELLER, B. P. M. Como as ONGs Ambientais Influenciam a Política Ambiental Brasileira? **Revista Brasileira de Economia**, v. 66, n. 1, p. 79–98, 2012.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and applications**. New York: Cambridge University Press, 1994, 825 p.

## **CAPÍTULO II**

### **PERFIL E AMBIENTE DE REDE DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS DE APOIO SOCIAL DO MUNICÍPIO DE PALMAS – TO**

## **PERFIL E AMBIENTE DE REDE DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS DE APOIO SOCIAL DO MUNICÍPIO DE PALMAS – TO**

**Resumo:** No Brasil há crescente interesse pelo terceiro setor, mesmo que seu conceito ainda se configure em construção. Ao considerar a articulação em redes como um dos principais meios de expressão dessas instituições, este estudo visa conhecer a atuação das Organizações Não Governamentais (ONGs) de Apoio Social do município de Palmas -TO e identificar, por meio da análise das medidas de centralidade de rede, os atores mais influentes e suas relações de proximidade e intermediação. Por meio de entrevistas, traçou-se um perfil de atuação das ONGs do município, identificando as mais importantes para o coletivo. Verificou-se que há subaproveitamento da rede e, portanto, grande potencial de expansão. Averiguou-se também, que as instituições estatais possuem papel relevante para a rede, porém as ONGs ainda continuam se articulando, mais frequentemente, com o próprio setor não governamental.

**Palavras-chave:** medidas de centralidade; Organização Não Governamental (ONG); redes.

## **THE PROFILE AND ENVIRONMENT OF NETWORKS OF NON-GOVERNMENTAL SOCIAL SUPPORT ORGANIZATIONS FROM PALMS CITY - TO.**

**Abstract:** There is a growing interest in the third sector in Brazil, even though the concept is still under construction. When considering the articulation in networks as a key means of expression of these institutions, this study aims to understand the role of non-governmental social support organizations (NGOs) from Palmas city – TO and identify, by analyzing the network centrality measures, the most influential actors and their relations of proximity and intermediation. Through interviews, a profile of the activity of municipal NGOs was drawn, identifying the most important ones to mass; it was found that there is a low utilization of the network and therefore a great potential for expansion; it was also noticed that state institutions have an important role for the network, but NGOs are still hinging, more frequent and priority basis, with the first non-governmental sector.

**Keywords:** Centrality measures; Non-governmental organization (NGOs); networks;

## 1. Introdução

Conforme pesquisa realizada pela ABONG (2014) sobre as fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil (FASFIL), em 2010 havia 270,7 mil fundações privadas e associações sem fins lucrativos no país, empregando cerca de 2,1 milhões de pessoas. Segundo Gohn (2010), o terceiro setor movimenta 1,5% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, com considerável impacto no cenário socioeconômico. Uma das principais características que diferem estas instituições das formas tradicionalmente estatais e de mercado é sua atuação, uma vez que se baseiam em fórmulas associativas da sociedade civil, constituída por redes e articuladas por princípios de solidariedade (FONTES; EICHNER, 2001; HECKERT, 2008).

No contexto do terceiro setor, as redes sociais são reconhecidas como uma ferramenta fundamental para articular recursos e bens, tornando-se o principal meio de expressão e organização coletiva das Organizações Não Governamentais (ONGs) e dos novos movimentos sociais (COSTA *et al.*, 2003).

Montero (2003) aponta que parte do trabalho em uma comunidade é evidenciar a existência e a estrutura das redes, fazer seus integrantes conscientes dela e de suas potencialidades dentro do trabalho comunitário, conhecer o contexto em que tais instituições estão imersas e proporcionar meios para que os atores sociais possam se fortalecer. Segundo Pinto e Junqueira (2008), pesquisas com esse foco podem contribuir para a compreensão de contextos com alto grau de participação individual, além de proporcionar novas maneiras de enxergar as implicações do trabalho voluntário e do exercício de liderança nestes ambientes.

A teia de vínculos é uma alternativa viável quando os recursos materiais são escassos, porém este não é o único problema enfrentado por essas instituições. Outro dificultador da atuação das ONGs é a ausência de um marco legal, o que gera consequências negativas, como por exemplo, a forte heterogeneidade dos grupos classificados em um mesmo setor, mesmo com perfis completamente distintos como: entidades de assistência social, ONGs de

defesa de direitos, hospitais e universidades privadas, clubes recreativos, associações de moradores, dentre outros (ABONG, 2007).

Tal heterogeneidade dificulta estudos e pesquisas na área devido à imprecisão conceitual e jurídica e, também, a construção de diagnóstico das ONGs de um município ou região.

Além disso, informações sobre o terceiro setor, mais especificamente sobre as ONGs, são de difícil acesso, uma vez que não há padronização para busca oficial nos municípios. Em geral, não há um órgão específico que forneça subsídios sobre o cenário das organizações não governamentais. Essa tarefa fica a cargo de iniciativas particulares, de outras ONGs ou mesmo disponíveis através das bases de busca na internet. Assim, é necessário que novos olhares se voltem sobre essa temática, na busca de aperfeiçoar as ações de protagonismo social. Potencializar o impacto gerado pelas ONGs por meio das redes, também significa promover o surgimento de um país mais justo e fortalecido (AYRES, 2002).

De acordo com o senso do IBGE (2010), o município de Palmas apresenta 611 entidades sem fins lucrativos, dentre as quais se encontram, de forma indiscriminada, todos os tipos de instituição, no entanto esse instituto não fornece dados além do quantitativo exposto. Dados municipais mais específicos são encontrados apenas no Conselho Municipal da Assistência Social (CMAS), onde estão cadastradas 85 organizações.

O objetivo deste capítulo é analisar os perfis de atuação e vínculos estabelecidos por meio de redes em ONGs que trabalham com o apoio social no município de Palmas.

## **2. Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa de corte transversal, descritiva-exploratória, realizada entre março e outubro de 2015, com as Organizações Não Governamentais (ONGs) de apoio social, do município de Palmas -TO.

Palmas, capital do estado do Tocantins, segundo censo do IBGE (2010), possui população de 228.332 habitantes, distribuída numa área de 2.218,943 km<sup>2</sup>. O IBGE (2015) apresentou estimativa de 272.726 habitantes para o município em 2015, o que representa crescimento de aproximadamente 20% em cinco anos. É a capital mais jovem do país, com 27 anos, e está entre as dez cidades brasileiras que se destacam no quesito potencial humano. Via obrigatória de acesso entre as regiões Norte e Sul do país, Palmas aparece em primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre as cidades de grande porte do Ranking das Melhores Cidades do Brasil e é a única cidade da Região Norte a ser inserida no programa Iniciativa Cidades Emergentes e Sustentáveis – ECESV (PREFEITURA DE PALMAS, 2015).

Como referência inicial para a identificação das organizações sem fins lucrativos que trabalham com apoio social do município foi utilizada a lista disponibilizada pelo Conselho Municipal da Assistência Social (CMAS), cedida pelo próprio conselho, datada do ano de 2014, que continha 85 organizações cadastradas. A partir desta lista, realizou-se uma seleção com os seguintes critérios de exclusão: associações de caráter exclusivamente esportivo ou recreativo, associações que lidam exclusivamente com determinadas classes profissionais como sindicatos e conselhos de classe, associações de moradores, associações e fundações com fins lucrativos, associações e fundações de caráter estatal e associações sem uma sede administrativa no município ou sem uma coordenação central que as represente.

O método utilizado para a primeira abordagem foi o contato telefônico ou a visita ao endereço disponibilizado na lista da CMAS. As organizações não localizadas por esses meios foram excluídas da pesquisa. Para abranger um maior número de organizações não governamentais, incluindo as que se encontram na informalidade, utilizou-se também o método *snowball sampling* (ou método “bola da neve”). Essa técnica emprega uma forma de amostra não probabilística, onde os participantes iniciais indicam outros participantes e assim sucessivamente até atingir o “ponto de saturação” (BALDIN; MUNHOZ, 2011). O ponto de saturação foi obtido quando as instituições informadas pelas organizações entrevistadas se repetiam ou eram descartadas por se enquadrarem nos critérios de exclusão.

Para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas com os representantes/respondentes das ONGs enquadradas no âmbito da pesquisa. Utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturado (APÊNDICE 1), com 21 questões, subdivididas em duas partes. A primeira, com 16 questões, visou recolher as informações básicas de cada organização a fim de conhecer seu perfil institucional. A segunda, composta das seis questões restantes, teve por objetivo distinguir o perfil de atuação e as relações com outras organizações. Os participantes da pesquisa tiveram a identidade preservada, utilizando-se códigos numéricos na identificação das organizações não governamentais.

Para analisar o perfil de atuação das ONGs, a tabulação dos dados e o cálculo das frequências percentuais foram realizados por meio do programa computacional Excel 2010.

Para a análise de redes foram priorizados os índices de centralidade propostos por Freeman (1979) (grau de centralidade, centralidade de intermediação e centralidade de proximidade), a fim de averiguar quais os atores mais estratégicos para a rede em questão. A partir desta análise observou-se o modo de atuação das ONGs pesquisadas, suas relações com órgãos estatais ou com outras organizações civis. Pretendeu-se, compreender a dinâmica das relações e sua utilização como meio para a resolução das demandas apresentadas.

Com as informações levantadas construiu-se o mapa de redes, por meio do programa computacional SocNetV 1.0 (KALAMARAS, 2016), que permitiu gerar os grafos para elucidação das relações organizacionais e cálculos dos índices de centralidade expostos anteriormente.

### **3. Resultados e Discussão**

#### **3.1 Perfil das Organizações Não Governamentais (ONGs) de Apoio Social**

Participaram dessa pesquisa 36 associações e fundações, das quais apenas três relataram não estar com os registros constituídos, portanto 91,7% das entidades entrevistadas estavam com os documentos associativos ou fundacionais regularizados. Dentre as organizações, 33,4% foram fundadas antes de 2005, a mais antiga data de 1992, 50% das instituições foram criadas a partir deste ano e o restante (16,6%) não souberam o ano de criação. Vê-se que o cenário é recente (menos de 10 anos) para a maior parte das ONGs, o que pode ser explicado pelo fato de Palmas ser um município relativamente novo, com 27 anos.

Uma grande quantidade de ONGs (52,7%) está localizada próxima ao eixo central da cidade, na região centro sul. Essa concentração deve-se, provavelmente, ao fato de ser a região mais antiga da capital, que recebeu as primeiras estruturas municipais. Apesar da tendência pela localização central, as organizações mostraram-se bem amplas com relação ao alcance de sua atuação. A maior parte (66,6%) das organizações relatou atender público de outras cidades do estado. Explica-se tal ocorrência por Palmas constituir um pólo urbano relativamente grande, rodeado por cidades de densidades populacionais menores que, cujas populações, em geral, procuram na capital serviços e produtos não disponíveis em seus lugares de origem.

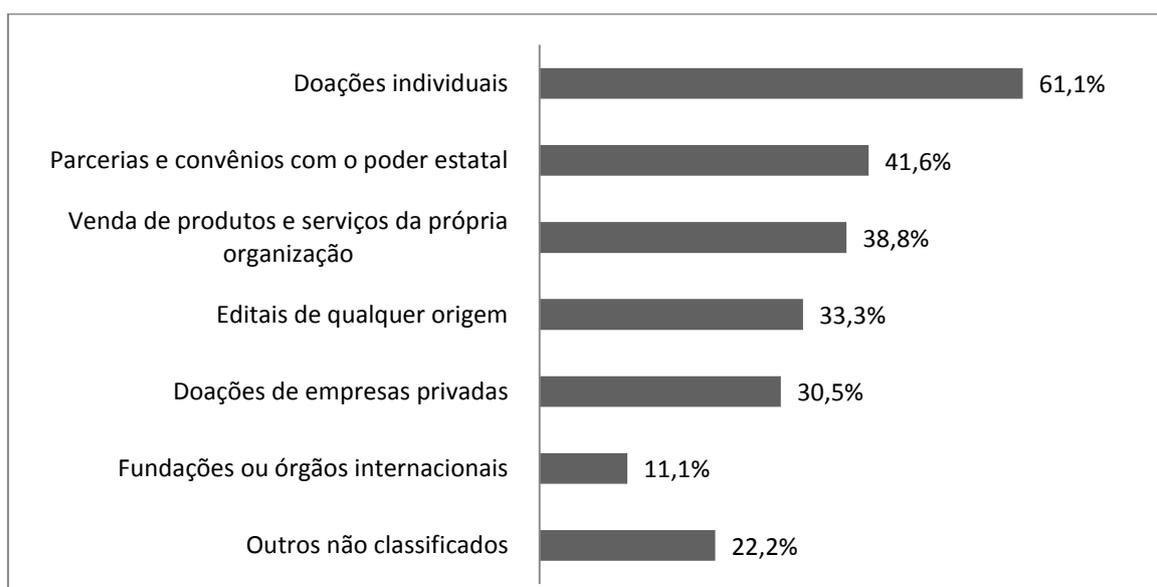
Em relação ao quadro das necessidades apontadas pelas organizações, cerca de 36,1% das entidades elegeram a questão financeira como a maior carência atual. Em segundo lugar no quadro das carências surgem as questões relacionadas à estrutura física, o que reflete a necessidade de uma sede para a organização e realização das atividades, visto que apenas 11 (30,6%) das 36 instituições afirmaram possuir um local próprio. A Figura 1 mostra as frequências dessas necessidades nas ONGs estudadas.



**Figura 1** - Frequência das principais necessidades das Organizações Não Governamentais de Apoio Social do município de Palmas - TO, Brasil.

As necessidades relacionadas à estrutura física, embora apontadas como algo distinto da questão financeira pelos entrevistados, também podem se enquadrar neste tópico, já que a ausência destes impede a aquisição das estruturas faltantes.

A Figura 2 apresenta as fontes de arrecadação dessas ONGs, considerando que os participantes foram livres para escolher mais de uma alternativa durante a entrevista:



**Figura 2** – Fontes de arrecadação das Organizações Não Governamentais de apoio social do município de Palmas - TO, Brasil.

Pela figura, observa-se que as doações feitas por particulares e as alianças com o poder público configuram-se como as principais fontes mantenedoras das ONGs, confirmando o que postulou SZAZI (2004), ao afirmar que:

[...] “A sustentabilidade econômica é hoje um dos grandes desafios das organizações da sociedade civil que, cotidianamente, deparam-se com a extenuante tarefa de ajustar amplos programas sociais a limitadas receitas quase sempre oriundas de doações privadas e de convênios com o poder público” SZAZI (2004, p.09).

Soma-se a isso o fato de que a sociedade brasileira não possui um forte histórico de apoio à sustentabilidade ou uma legislação que promova o fortalecimento do terceiro setor (ZAPE, 2007).

Ao considerar a autonomia das ONGs, o caminho mais provável para o seu fortalecimento é o da diversificação das fontes de recursos (ABONG, 2010). A flexibilidade e a dinâmica das relações entre a ONG e seu meio é que mantém ativas as instituições que, dificilmente, subsistiriam no competitivo ambiente social.

Outro aspecto importante sobre o perfil das organizações entrevistadas é a relevância do público feminino para o setor. Segundo os dados obtidos, 47,2% das organizações relataram possuir ao menos uma ação voltada especificamente para o apoio à mulher. Além da demanda de serviços, a presença feminina também possui uma expressão considerável no quadro diretivo das organizações. Nas instituições participantes, 115 mulheres ocupam cargos na diretoria, valor 8,5% maior se comparado aos 97 homens nessas mesmas posições. No cargo de presidentes ou coordenadores, as mulheres continuam com maior expressão, liderando 21 (58,33%) das 36 organizações pesquisadas.

O maior grau de presença feminina não é algo pontual do município, segundo pesquisa realizada pela FASFIL em 2010 (ABONG, 2015), as mulheres representavam 62,9% do total de assalariados do setor no Brasil. A pesquisa demonstrou a predominância feminina em ONGs em todas as regiões do país, sendo maior no sul (67,6%) e menor no norte (55,2%).

Em relação às áreas de atuação das ONGs, para a categorização das organizações entrevistadas, utilizou-se como parâmetro a lista de Classificação Internacional das Organizações Sem Fins Lucrativos – ICNPO (APÊNDICE 1, questão 12). Na tabela 1, demonstra-se as frequências referentes às áreas de atuação das ONGs, de acordo com a ICNPO.

**Tabela 1** - Frequências percentuais das áreas de atuação das ONGs, de acordo com a Classificação Internacional das Organizações Sem Fins Lucrativos, no município de Palmas -TO, Brasil.

<b>Classificação Internacional das Organizações Sem Fins Lucrativos – ICNPO</b>	<b>%</b>
<b>Grupo I</b> (cultura e recreação)	25,0
<b>Grupo II</b> (educação e pesquisa)	11,1
<b>Grupo III</b> (saúde – hospitais e reabilitação, residência para idosos) intervenção em saúde mental e crises).	11,1
<b>Grupo IV</b> (serviços sociais – emergência e assistência)	16,7
<b>Grupo V</b> (ambiente – ambiente e proteção animal)	11,1
<b>Grupo VI</b> (desenvolvimento e habitação - desenvolvimento econômico, social e comunitário, habitação, emprego e formação) profissional).	0,0
<b>Grupo VII</b> (direitos civis, defesa dos direitos e direitos políticos (organizações cívicas e de defesa dos direitos, serviços legais e legislação).	13,9
<b>Grupo VIII</b> (organizações filantrópicas intermediárias e promoção de voluntariado)	8,3
<b>Grupo IX</b> (internacional)	0,0
<b>Grupo X</b> (negócios, associações profissionais e sindicatos)	0,0
<b>Grupo XI</b> (religião)	0,0
<b>Grupo XII</b> (outras)	0,0
<b>Não responderam</b>	2,8

Para as organizações de Palmas, a maior parte dos respondentes classificou a entidade no Grupo I – Cultura e recreação, com 25% das respostas. Em segundo lugar está o Grupo IV – Serviços Sociais (emergência e assistência), com 16,7%.

### **3.2 Redes de Articulação das Organizações Não Governamentais (ONGs) de Apoio Social**

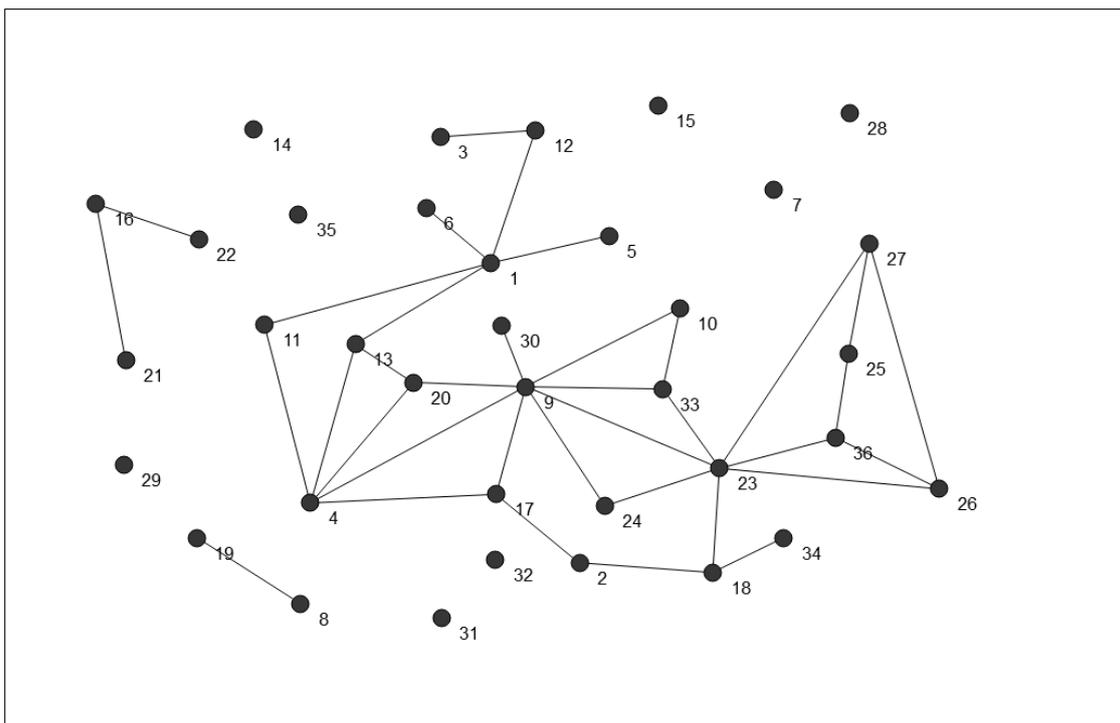
As redes compostas pelas ONGs são termômetro das demandas e problemas de um território ou comunidade, pois surgem em resposta a alguma questão social.

Em uma sociedade em que o Estado se mostra por vezes inoperante ou ausente, o fortalecimento da sociedade civil ocorre como uma alternativa aos problemas sociais, facilitando a construção de novas relações entre sociedade e estado (MARTELETO, 2001).

Adulis (2002) aponta quatro motivos para que organizações não governamentais se agrupem em redes: fortalecimento e ampliação da capacidade de ação; realização de projetos e ações conjuntas; compartilhamento de recursos; e troca de conhecimento e aprendizado.

As relações com os recursos e atores sociais localizados no território é um elemento chave. O estudo das teias de relação de uma ONG desvela o potencial de sua atuação, pois “questões relativas a acesso a recursos estão estreitamente associadas com os desenhos de redes” (WELLMAN, 1998, p.28).

Na Figura 3, observa-se o esquema dessas articulações no município de Palmas, mostrando a rede de vínculos estabelecida entre as 36 organizações participantes da pesquisa.



**Figura 3** – Rede de vínculos entre as organizações não governamentais (ONGs) do município de Palmas-TO, Brasil.

Neste gráfico, observa-se baixo padrão de densidade de rede. Densidade é o nível geral de ligações entre os pontos de um gráfico. Em uma rede completa (100% em nível de densidade), cada ator está diretamente ligado a todos os outros (VOTANO; PARHAM; HALL, 2010).

Os dados revelam um aproveitamento de 2,7% do total de ligações possíveis, o que evidencia baixo grau de vínculo e realização da própria rede. Por outro lado, também é visível o alto índice de recursos ainda não explorados pelos atores sociais, que constitui 97,3% de possibilidades potenciais.

A densidade é um aspecto fundamental ao analisarmos um ambiente de relações. A capacidade e a solidez de uma determinada rede provêm da interação das partes e, quanto mais ampla ela for, mais resultados será capaz de produzir (MONTERO, 2003).

Isso não significa que as organizações ignorem os atores com os quais não mantêm vínculos. Muitas vezes, os componentes conhecem a atividade de outras iniciativas, mas não desenvolvem um elo efetivo por uma série de fatores, como a distância geográfica que os separa, diferentes campos de atuação, entre outros.

Foram calculados os três índices de centralidade propostos por Freeman (1979), o grau de centralidade, a centralidade de intermediação e a centralidade de proximidade. Os valores encontrados na análise de centralidade estão listados na Tabela 2 para as 36 organizações envolvidas no estudo. Para preservar a identidade das ONGs, códigos numéricos foram utilizados.

O grau de centralidade é mensurado contando o número de relações mantidas com outros atores da rede. O ator que possuir mais ligações é considerado como o mais central (HAYTHORNTHWAITE, 1996). Quanto maior o número de ligações, mais central é o ator e melhor situado está em relação ao intercâmbio de recursos, ao aumento de poder e à influência na rede. No caso da rede pesquisada, o ator mais central está na posição 9, com total de 8 ligações. Para Freeman (1978), esse é um índice que indica o potencial de atividade dentro de uma rede. O grau de centralidade traduz a habilidade de um ator para ser canal direto de informação, de popularidade e influência na rede.

Porém o indivíduo com o maior número de contatos diretos na rede pode não ser, necessariamente, aquele que ocupa as posições mais importantes. Ao considerar a centralidade de intermediação, mensura-se quais atores atuam como “ponte” ou facilitadores do fluxo de informação. Um ator pode ter poucos contatos, estabelecer elos fracos, entretanto ter importância fundamental na mediação das trocas (MARTELETO, 2001).

**Tabela 2** - Índices de grau de centralidade, centralidade de intermediação e centralidade de proximidade das organizações não governamentais do município de Palmas -TO, Brasil.

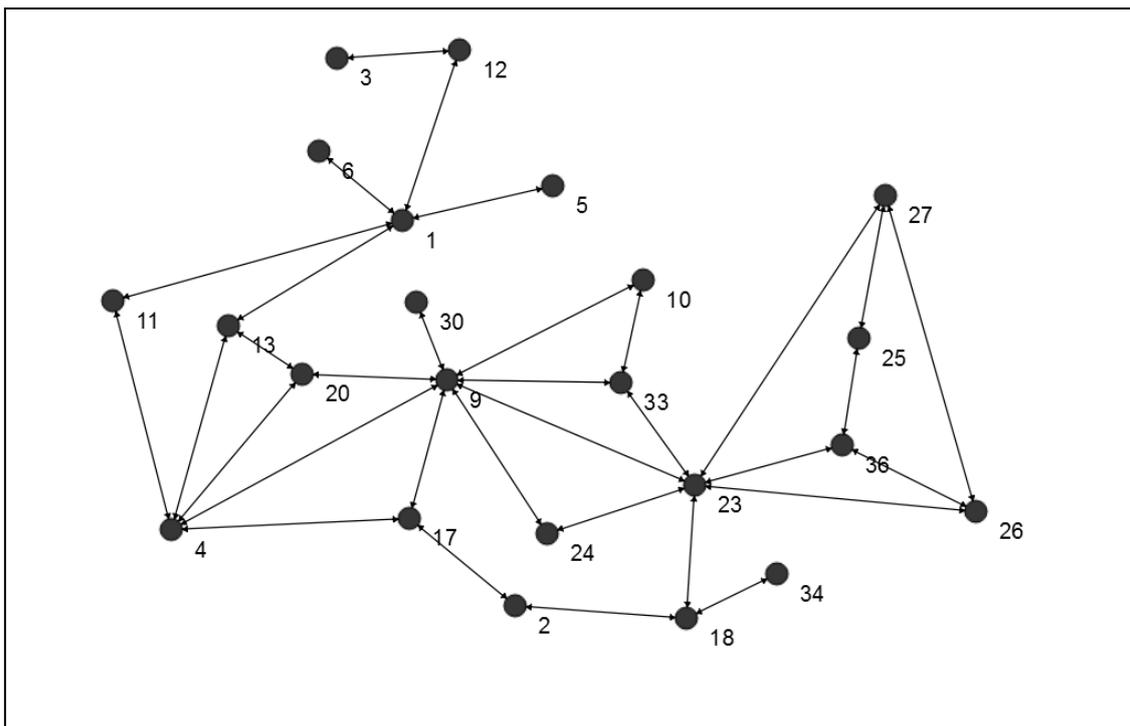
<b>Atores</b>	<b>Grau de centralidade</b>	<b>Centralidade de intermediação</b>	<b>Centralidade de proximidade</b>
1	5	77,5	0,301
2	2	8,7	0,318
3	1	0,0	0,194
4	5	76,2	0,423
5	1	0,0	0,234
6	1	0,0	0,234
7	0	0,0	-
8	1	0,0	-
9	8	120,3	0,458
10	2	0,0	0,323
11	2	28,2	0,349
12	2	21,0	0,239
13	3	51,8	0,354
14	0	0,0	-
15	0	0,0	-
16	2	1,0	-
17	3	19,7	0,385
18	3	27,0	0,314
19	1	0,0	-
20	3	24,3	0,400
21	1	0,0	-
22	1	0,0	-
23	7	95,2	0,407
24	2	0,0	0,354
25	2	0,3	0,241
26	3	0,3	0,305
27	3	10,0	0,305
28	0	0,0	-
29	0	0,0	-
30	1	0,0	0,318
31	0	0,0	-
32	0	0,0	-
33	3	3,5	0,360
34	1	0,0	0,241
35	0	0,0	-
36	3	10,0	0,305

Ao analisar a Figura 3 e a Tabela 2, verifica-se que os atores 1 e 4 possuem o mesmo número de ligações (5) e, portanto, o mesmo grau de centralidade. Contudo, ao calcular a centralidade de intermediação, obtém-se o valor de 77,5 para o ator 1 e 76,16 para o ator 4. Apesar do número equivalente de contatos, o ator 1 desempenha papel maior na dinâmica das intermediações, sua atuação como “ponte” permite ligar comunidades diferentes com mais eficiência e possui maior potencial de controle de fluxo de informações na rede.

Os atores com maior centralidade de intermediação ajudam na coordenação de processos em níveis intergrupais, pois possuem mais habilidade para intermediar relações entre grupos diferentes. De forma contrária, também podem atrasar ou perturbar o fluxo das informações na rede. Assim, identificar esses atores é um movimento chave para localizar os pontos focais para a distribuição de informações, visando alcançar o maior número de participantes da rede.

Por sua vez, a centralidade de proximidade é baseada na soma da distância de um ator em relação aos demais atores da rede (COSTA; DEL-VECCHIO, 2015). Trata-se de uma medida de eficiência e independência, pois uma informação originada desta posição central irá se espalhar pela rede com custo mínimo, além do ator ser menos dependente de intermediários, já que pode alcançar mais facilmente os demais contatos.

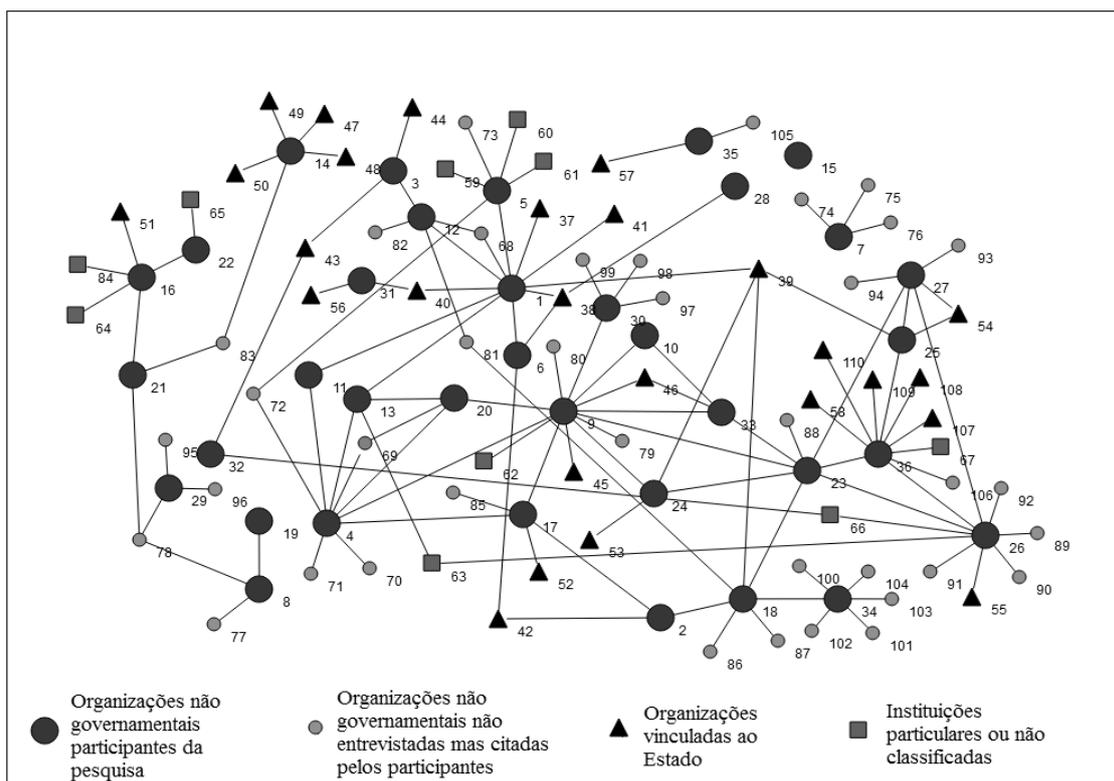
Para o cálculo dessa medida, a condição é que não existam atores isolados ou sem conexão com os demais pontos da rede. Portanto, para esse cálculo foram excluídos aqueles que não cumprem essa condição, resultando na Figura 4.



**Figura 4** – Rede de vínculos entre as organizações não governamentais, com exclusão dos atores não conectados à rede principal ou em situação de isolamento, Palmas -TO, Brasil.

Assim como no grau de centralidade, o ator 9 possui maior pontuação para centralidade de proximidade (0,458), seguido pelos atores 4 (0,423) e 23 (0,407).

As Figuras 3 e 4 apresentam as relações entre as ONGs participantes da entrevista isoladas em seu contexto, enquanto a Figura 5 mostra o acréscimo na configuração de vínculos, em decorrência das parcerias citadas pelos entrevistados como: ONGs não entrevistadas e citadas pelos participantes; organizações vinculadas ao Estado; e instituições particulares ou não classificadas. Ao abranger o total das parcerias citadas nas entrevistas, tem-se acréscimo considerável na configuração da rede de vínculos como demonstrado na Figura 5.



**Figura 5** – Rede de vínculos entre as Organizações Não Governamentais entrevistadas e outras instituições citadas pelos entrevistados, Palmas - TO, Brasil.

Na Figura 5, ainda se observa que as organizações não atuam de forma isolada, com exceção do ator 15, com a confirmação da importância do ambiente de rede para essas organizações.

Outro aspecto a ser observado neste conjunto é de que as organizações não governamentais, de maneira geral, mantêm relações e conexões preferencialmente com outras instituições não ligadas ao poder estatal no município. Dos 130 vínculos existentes (ligações<sup>3</sup>), 82 (63,1%) ocorrem entre ONGs, 36 (27,7%) com órgãos estatais e 12 (9,2%) com instituições particulares ou não classificadas.

Na Tabela 3, encontram-se frequências de periodicidade de contato estabelecidas entre: a) ONGs e Instituições Estatais; e b) entre ONGs. Tais valores demonstram que há maior relação/contato entre ONGs do que entre essas organizações e as instituições Estatais. Observa-se também que as duas

<sup>3</sup> Para fins de esclarecimento os esquemas utilizados nesse trabalho são “não direcionados”, ou seja, não é possível determinar uma direção para as conexões. As relações foram consideradas bilaterais e a ligação entre dois atores não possuem um sentido, indo do ator A para o B ou vice e versa, por exemplo.

primeiras classes de periodicidade de contato (semanal e quinzenal) são maiores entre as ONGs.

**Tabela 3** - Frequência de periodicidade de contato entre ONGs e Instituições Estatais e apenas entre ONGs, em Palmas - TO, Brasil.

Periodicidade de contato	ONGs e Estatais (%)	Entre ONGs (%)
Semanal	12,90	19,74
Quinzenal	9,68	10,53
Mensal	19,35	17,11
Semestral	9,68	7,89
Anual	12,90	9,21
Outros não encaixados na classificação	12,90	7,89
Não responderam/Não sabiam	22,58	27,63

Apesar da influência e da presença dos órgãos estatais no território, as ONGs de Palmas se relacionam, preferencialmente, com outras organizações não governamentais. Entre os atores do terceiro setor é mantido maior contato e mais proximidade, quando comparados aos elos que mantêm com outros órgãos.

De igual maneira, ao considerar a análise de rede sob a perspectiva das organizações constantes na Figura 5, o maior grau de centralidade ainda permanece com o ator 9, que detém o maior número de ligações na rede (13 vínculos ao total). Assim como, ao calcular o grau de centralidade de intermediação, o ator 1 ainda se destaca como a instituição que mais facilita o fluxo de rede ao proporcionar eficientemente a mediação das informações e trocas.

Embora as entidades da classe estatal não tenham participado como sujeitos entrevistados nesta pesquisa, algumas se destacaram por assumir funções importantes no fluxo da rede. Ao considerar, por exemplo, o ator 39 (Figura 5), vê-se que ele foi citado por quatro ONGs, tornando-se uma “ponte” ao estabelecer um espaço comum com atores que não possuem vínculo direto entre si.

A função de intermediação também é importante para aproximar e propiciar relações diretas entre atores não conectados. Ao comparar as necessidades das instituições levantadas pela pesquisa, observou-se que as demandas de algumas ONGs são ofertadas gratuitamente como serviço por outros atores da rede, porém as carências permaneciam não atendidas em virtude de não haver vínculos entre as instituições.

Como exemplo, cita-se o caso do ator 1, que relatou a necessidade de capacitação em uma determinada área que é oferecida, de forma gratuita, pelo ator 33. Entretanto, essas ONGs não mantêm relação direta e estão a quatro atores de distância uma da outra.

Segundo Montero (2004), são as inter-relações em um grupo que geram o sentido de pertença e identidade social, levando a tomada de consciência de si como coletividade e se fortalecendo como unidade e potencialidade social. O aprofundamento das inter-relações é uma maneira de revigorar as instituições envolvidas e, de forma geral, a própria comunidade.

Várias medidas podem ser obtidas para aperfeiçoar as relações entre ONGs de uma rede. Uma vez conhecidos os atores mais centrais da rede, pode-se, por exemplo, estruturar ações baseadas nestes atores para mobilizar as demais organizações. Outra estratégia é o estudo de temas de trabalhos comuns entre as instituições (que podem canalizar suas potencialidades em uma mesma direção), gerando o aprofundamento das relações organizacionais e estabelecimento de novos laços entre os participantes.

#### **4. Considerações Finais**

As Organizações Não Governamentais têm papel importante no quadro de qualquer comunidade, e é por meio da articulação em redes que elas podem alcançar amplamente suas potencialidades.

Este estudo demonstrou que a rede das Organizações Não Governamentais de Apoio Social do município de Palmas – TO possui grande

potencial inexplorado, principalmente em termos de intercâmbio de informações entre as próprias ONGs do município.

Identificou-se, através das análises de centralidade, os atores mais influentes e de importância estratégica para o quadro geral. Estas informações servem de embasamento para a construção de ações e intervenções que visam fortalecer a teia de relações e potencializar as atividades na rede.

Verificou-se que o setor estatal é um agente de significativa influência e, em alguns casos, intermediador das relações não governamentais, agindo como um fomentador do fluxo na rede. Apesar da influência dos órgãos governamentais e da intensa corrida pela sustentabilidade financeira (onde muitas instituições contam com recursos advindos, direta ou indiretamente, da esfera pública) as ONGs permanecem em relações mais estreitas entre si mesmas do que com o poder estatal. Quadro que, entre outros motivos, é facilitado pela maior flexibilidade e menos burocratização institucional das ONGs.

Questiona-se também, se a existência de uma iniciativa centralizadora e mediadora da rede poderia proporcionar um progresso e fortalecimento dos vínculos, causando assim um ganho geral do sistema.

Espera-se que esta pesquisa sirva como objeto de reflexão para o desenvolvimento de soluções e ferramentas de intervenção, que proporcione maior fortalecimento e aproveitamento da rede já existente.

## 5. Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS: ABONG. **Um novo Marco Legal para as ONGs no Brasil: fortalecendo a cidadania e a participação democrática**, p. 1-80, 2007. Disponível em: <[www.abong.org.br](http://www.abong.org.br)>. Acesso em: 04 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Sustentabilidade das ONGs no Brasil: acesso a recursos privados**. Sindicato nacional dos editores de livros. Rio de Janeiro, p. 92, 2010. Disponível em: <[www.abong.org.br](http://www.abong.org.br)>. Acesso em: 04 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Ongs no Brasil**. Disponível em: <<http://www.abong.org.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

ADULIS, D; Gestão do Terceiro Setor: o papel da comunicação na captação de recursos, **Revista RITS**, São Paulo, 2002. Disponível em:<<http://www.rits.org.br>> . Acesso em: 10 nov. 2014.

AYRES, B. R. C. Redes Organizacionais no Terceiro Setor: um olhar sobre suas articulações, **Revista RITS**, 2002. Disponível em: <[http://www.rits.org.br/redes\\_teste/rd\\_tmtes\\_out2002.cfm](http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_tmtes_out2002.cfm)> Acesso em: 2 abril 2015.

BALDIN, N; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **X Congresso Nacional de Educação - Educere**. PUCPR: Curitiba, Anais... 2011.

COSTA, E. F.; DEL-VECCHIO, R. R. Análise de centralidade de proximidade em aeroportos dos Estados Unidos da América. **XXIX Congresso Nacional de Pesquisa em Transporte da ANPET**, p. 953–962, 2015.

COSTA, L. et al. **Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. Ed. 1, Brasília: WWF-Brasil, p. 91, 2003.

FONTES, B. A. S. M.; EICHNER, K. Sobre a estruturação de redes sociais em associações voluntárias: estudo empírico de organizações não-governamentais da cidade do Recife. **Sociedade e Estado**, v. 16, n. 1-2, p. 187–221, 2001.

FREEMAN, L. C. Centrality in Social Networks Conceptual Clarification. **Social Networks**, v. 1, n. 3, p. 215–239, 1979.

GOHN, M. D. G. Ações coletivas civis na atualidade: dos programas de responsabilidade/compromisso social às redes de movimentos sociais. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 46, n. 1, p. 10–17, 2010.

HAYTHORNTHWAITE, C. **Social network analysis: An approach and technique for the study of information exchange**. Library & information science research, v. 342, p. 323–342, 1996.

HECKERT, C. R. **Redes no Terceiro Setor: Condições favoráveis à transferência de conhecimento**. 2008. v. 1. 252 f. Tese (Doutorado em Engenharia) - Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Informações estatísticas**. 2010. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=172100>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

KALAMARAS, D. V. **SOCIAL NETWORK VISUALIZER (SocNetV 1.0)**. Disponível em:< <http://socnetv.sourceforge.net/>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v. 30, n. 1, p. 71–81, 2001.

MONTERO, M. **Teoría y práctica de la psicología comunitaria. La tensión entre comunidad y sociedad**. 1 ed. ed. Buenos Aires. Argentina: Paidós, p. 71, 2003.

MONTERO, M. **Introducción a la psicología comunitaria. Desarrollo, conceptos y procesos**. Editorial ed. Buenos Aires. Argentina, 1 ed, p. 159, 2004.

PINTO, Á. M. G.; JUNQUEIRA, L. A. P. A análise de redes sociais como ferramenta de diagnóstico das relações de poder. **eGesta**, v. 4, n. 1, p. 33–59, 2008.

PREFEITURA DE PALMAS. **Conheça Palmas**. Texto da internet. Disponível em: < <http://www.palmas.to.gov.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

SOCIAL NETWORK VISUALIZER (SocNetV 1.0). Disponível em:< <http://socnetv.sourceforge.net/>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

SZAZI, E. (Org.) **Terceiro setor - temas polêmicos 1**. São Paulo: Peirópolis, vol. 1, 2004.

VOTANO, J.; PARHAM, M.; HALL, L. **Handbook of Social Network Technologies and Applications**. Boston, MA: Springer US, p. 736, 2010.

ZAPE, K. L. Terceiro setor: algumas reflexões sobre a intensa corrida pela sustentabilidade. VI conferencia regional de istr para américa latina y el caribe. **Anais...** Salvador de Bahía, Brasil: 2007

WELLMAN, B. Structural Analysis: From Method and Metaphor to Theory and Substance. In: **Social Structures: A Network Approach**, edited by Barry Wellman and S.D. Berkowitz. Cambridge: Cambridge University Press, p. 19-61, 1988.

## APÊNDICE 1

### ENTREVISTA APLICADA AOS RESPONDENTES PELAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS DE APOIO SOCIAL DO MUNICÍPIO DE PALMAS (TO)

Data de realização do questionário \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### PERFIL INSTITUCIONAL

1. Nome da Instituição: \_\_\_\_\_
2. Nome do Coordenador: \_\_\_\_\_
3. Endereço: \_\_\_\_\_
4. Telefone de contato: \_\_\_\_\_
5. Email: \_\_\_\_\_
6. Data de criação da instituição: \_\_\_\_\_
7. Nome do respondente: \_\_\_\_\_

8. Número atual de:

Membros:            M: \_\_\_\_ F: \_\_\_\_

Diretoria: \_\_\_\_\_

Sócios: \_\_\_\_\_

Beneficiados: \_\_\_\_\_

Outros: \_\_\_\_\_

9. A instituição está com seus registros constituídos?

não

sim

em processo de constituição? Quais documentos?

\_\_\_\_\_

10. Condição do imóvel onde está situada a instituição

alugado

próprio

cedido

invadido

não possui

outros. Qual? \_\_\_\_\_

11. As atividades são desenvolvidas geralmente:

na sede                       em outro espaço. Qual: \_\_\_\_\_

12. Em que tipo de organização se enquadra a instituição, de acordo com a classificação internacional das organizações sem fins lucrativos – ICNPO (International Classification of Non Profits Organizations)?

- Grupo I – cultura e recreação.
- Grupo II – educação e pesquisa.
- Grupo III – saúde (hospitais e reabilitação, residência para idosos, intervenção em saúde mental e crises).
- Grupo IV – Serviços sociais (emergência e assistência).
- Grupo V – ambiente (ambiente e proteção animal).
- Grupo VI – desenvolvimento e habitação (desenvolvimento econômico, social e comunitário, habitação, emprego e formação profissional).
- Grupo VII – direitos civis, defesa dos direitos e direitos políticos (organizações cívicas e de defesa dos direitos, serviços legais e legislação).
- Grupo VIII – organizações filantrópicas intermediárias e promoção de voluntariado.
- Grupo IX – internacional.
- Grupo X – negócios, associações profissionais e sindicatos.
- Grupo XI – religião.
- Grupo XII – outras \_\_\_\_\_

13. Essa instituição oferece ações voltadas para o apoio às mulheres?

sim

não

14. Indique o(s) público(s) alvo(s) da população beneficiada:

criança

adolescente

adulto

idoso

família

vítima de violência

discriminado

morador de rua

presidiário

organizações sociais

droga dependente

desempregado

doentes

mulheres

refugiado

outros (Qual?)\_\_\_\_\_

15. Procedência do público atendido:

Palmas (TO). Qual(is) região(ões)?\_\_\_\_\_

Outras cidades do estado.

Cidades de outros estados.

Outras localidades. Quais?\_\_\_\_\_

16. Principais fontes de recursos da instituição:

doações de empresas

doações individuais

fundações internacionais

governo

venda de produtos ou serviços da própria organização

editais

outras. Quais?\_\_\_\_\_



18. Das ações listadas anteriormente, alguma é voltada (direta ou indiretamente) para a sustentabilidade ambiental? Em que sentido?

(Exemplo: Oficinas e/ou palestras de produção de produtos naturais, reutilização de resíduos reciclados, ações voltadas para a conservação do ambiente natural, redução de consumo, lixo e etc).

---

1 -

---

2 -

---

3 -

---

4 -

---

5 -

---

6 -

---

19. A organização possui vínculo com alguma outra instituição especificamente focada na sustentabilidade? Se sim, quais?

---

1 -

---

2 -

---

3 -

---

4 -

---

5 -

---

6 -

---

20. Descreva, em ordem de importância, quais as necessidades da organização (palestrantes, oficinas, recursos, membros associados):

---

1 -

---

2 -

---

3 -

---

4 -

---

5 -

---

6 -

---

7 -

---

8 -

---

9 -

---

10 -

---

11 -

---

21. Nos campos abaixo, indique o nome de organizações (governamentais ou não governamentais) com as quais sua instituição possui vínculo (intercâmbio de informação e/ou recursos):

a. Nome da instituição: \_\_\_\_\_ ( )Informações ( )Recursos

Qual a frequência?

( ) uma ou mais vezes na semana

( ) semestral

( ) quinzenal

( ) anual

( ) mensal

Qual (is) vínculo(s)? \_\_\_\_\_

b. Nome da instituição: \_\_\_\_\_ ( )Informações ( )Recursos

Qual a frequência?

( ) uma ou mais vezes na semana

( ) semestral

( ) quinzenal

( ) anual

( ) mensal

Qual (is) vínculo(s)? \_\_\_\_\_

c. Nome da instituição: \_\_\_\_\_ ( )Informações ( )Recursos

Qual a frequência?

( ) uma ou mais vezes na semana

( ) semestral

( ) quinzenal

( ) anual

( ) mensal

Qual (is) vínculo(s)? \_\_\_\_\_

## **CAPÍTULO III**

### **ATUAÇÃO E MAPEAMENTO DA REDE DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS (ONGS) AMBIENTAIS DO MUNICÍPIO DE PALMAS - TO**

## **ATUAÇÃO E MAPEAMENTO DA REDE DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS (ONGS) AMBIENTAIS DO MUNICÍPIO DE PALMAS - TO**

**Resumo:** Nas últimas décadas, as ONGs de maior criatividade e crescimento global são ambientais e sua importância deve ser valorizada. As ONGs ambientais surgem como movimentos alternativos de luta, quando as iniciativas estatais ou particulares não cumprem seu papel. Neste capítulo, buscou-se identificar o perfil e a dinâmica das ONGs ambientalistas no município de Palmas - TO, por mapeamento e entrevistas com os gestores. Constatou-se que dentro da rede de ONGs de Apoio Social, as ONGs ambientais formam uma sub-rede, relevante para o fluxo de informações no contexto geral. Para os gestores dessas instituições, as ações mais utilizadas e de maior efetividade são as iniciativas em educação ambiental, cuja perspectiva central é o estímulo da consciência crítica.

**Palavras-chave:** Organizações não governamentais; ONGs ambientalistas; redes sociais;

## **ACTING AND NETWORK MAPPING OF THE NON-GOVERNMENTAL ENVIRONMENT ORGNIZATIONS (NGOS) OF THE CITY OF PALMAS-TO**

**Abstract:** In recent decades, the NGOs with most creativity and global growth are environmental ones and their importance must be appraised. Environmental NGOs emerge as an alternative combat movement when state or private initiatives do not fulfill their role. In this chapter, we sought to identify the profile and dynamics of environmental NGOs in the city of Palmas (TO), by mapping and interviewing the managers. It was raised that within the NGO network of social support, environmental NGOs form a subnetwork which is relevant to the flow of information in the general context. For managers of these institutions, the actions which are used most with greatest effectiveness are the initiatives in environmental education, the central perspective is the stimulation of critical consciousness.

**Keywords:** Non-governmental organization; NGOs of the Environment; Networks;

## 1. Introdução

Segundo IPEA (2010), é grande a pressão para que as questões ambientais estejam presentes nas discussões sociais. Assim, cada vez mais ONGs e outros tipos de entidades dedicam tempo e recurso para atividades voltadas ao equilíbrio entre meio ambiente e relações humanas. O estado de bem-estar da população mundial encontra-se ameaçado pelas alterações ambientais ocorridas, em grande parte, pela externalidade das próprias ações humanas. Cada vez mais, constata-se a necessidade de novos padrões de conduta que possam reverter esse quadro preocupante. As ONGs surgem como movimentos alternativos de luta, quando as iniciativas estatais ou particulares não cumprem seu papel.

Leis (2004) postula que, nas últimas décadas, as ONGs de maior criatividade e crescimento global são ambientais e que sua importância dificilmente poderia ser subestimada.

[...] “a governabilidade dos problemas globais depende hoje mais da sociedade civil mundial que emergiu através das ONGs do que dos Estados” (LEIS, 2004, p.73).

A via estatal brasileira, em relação à sustentabilidade, caracteriza-se por fraca capacidade de transformação da lógica de domínio irrestrito da natureza e os partidos políticos envolvem-se com a questão ambiental “de um modo essencialmente pragmático e superficial, quando não apenas oportunista” (ALEXANDRE e KRISCHKE, 2006, p.19).

No entanto, as organizações da sociedade civil, que geralmente são renovadoras das atuações ambientais, ainda subsistem como movimento no “subterrâneo da sociedade”, atuando num plano não-dominante dentro do sistema global (LIMA, 2003). A atuação pautada na informalidade e a escassez de pesquisas sobre a rede de relações das ONGs ambientais restringem sua potencialidade, pois dificilmente elaborar-se-á estratégias de intervenção e fortalecimento sem o conhecimento do cenário.

Estudos sobre as ONGs ambientais contribuem para a elaboração de instrumentos que embasem intervenção e aperfeiçoamento para os integrantes da rede. A própria natureza das ONGs, principalmente as de porte menor,

dificulta a criação de instrumentos ou índices de medida de sustentabilidade devido à informalidade de suas estruturas e ações, inibindo a mensuração em larga escala.

Pesquisas sobre a importância das ONGs, nos mais diversos contextos, têm surgido e dado visibilidade ao protagonismo social. Trabalhos como os de Ramos (2004); Nader (2007); Cravo *et al.* (2010) e Uhr, Uhr e Mueller (2012) demonstram como a atuação do terceiro setor tem efeitos visíveis para a comunidade, principalmente ao se tratar de atuação junto às políticas públicas.

Ao considerar a importância destas questões para a sociedade e o meio ambiente, este estudo propõe mapear a rede de ONGs que atuam na questão ambiental no município de Palmas-TO, além de compreender como essas ONGs praticam ações de sustentabilidade ambiental e, do ponto de vista dos gestores, seus impactos para a comunidade.

## **2. Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória, realizada entre janeiro e fevereiro de 2016, com as Organizações Não Governamentais (ONGs) Ambientais do município de Palmas-TO.

Palmas, capital do estado do Tocantins, segundo censo do IBGE (2010), possui população de 228.332 habitantes, distribuída numa área de 2.218.943 km<sup>2</sup>. O IBGE (2015) apresentou estimativa de 272.726 habitantes para o município, o que representa crescimento de aproximadamente 20% em cinco anos. É a capital mais jovem do país, com 27 anos, e está entre as dez cidades brasileiras que se destacam no quesito potencial humano. Via obrigatória de acesso entre as regiões Norte e Sul do país, Palmas aparece em primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre as cidades de grande porte do Ranking das Melhores Cidades do Brasil, e é a única cidade da Região Norte a ser inserida no programa Iniciativa Cidades Emergentes e Sustentáveis – ECESV (PREFEITURA DE PALMAS, 2015).

Como referência inicial para a identificação das organizações sem fins lucrativos que trabalham com o ambiente, foi utilizada a lista disponibilizada pelo Conselho Municipal da Assistência Social (CMAS), cedida pelo próprio conselho, datada do ano de 2014, que continha 85 organizações cadastradas. A partir desta lista, realizou-se uma seleção com os seguintes critérios de exclusão: associações de caráter exclusivamente esportivo ou recreativo, associações que lidam exclusivamente com determinadas classes profissionais como sindicatos e conselhos de classe, associações de moradores, associações e fundações com fins lucrativos, associações e fundações de caráter estatal e associações sem sede administrativa no município ou sem coordenação central que as represente. Após a exclusão, dentre as 36 organizações restantes, nove se autodenominaram ambientais ao assinalarem o Grupo V da lista da ICNPO (Classificação Internacional das Organizações Sem Fins Lucrativos). No entanto, apenas oito foram incluídas no estudo, pois uma das instituições não desenvolveu atividade de sustentabilidade ambiental no ano de 2015<sup>4</sup>.

Assim, neste estudo foram entrevistados oito dirigentes das organizações não governamentais ambientais, por meio de roteiro de entrevista semi-estruturado (APÊNDICE 2). Para a preservação da identidade dos participantes da pesquisa, utilizou-se código numérico para identificar as ONGs. O instrumento de coleta de dados conteve dez questões que contemplavam os tipos de atividades da organização com foco em sustentabilidade ambiental, temáticas e objetivos dessas ações e impactos para a população atendida. Para traçar o perfil das ONGs ambientais, a tabulação dos dados e o cálculo das frequências foi utilizado o programa computacional de licença livre SocNetV 1.0 (SOCNETV, 2016).

Para a análise de redes foram priorizados os índices de centralidade propostos por Freeman (1979) (o grau de centralidade, a centralidade de intermediação e a centralidade de proximidade), a fim de averiguar os atores mais estratégicos para a rede ambiental. Com as informações levantadas construiu-se o mapa de redes por meio do programa computacional SocNetV

---

<sup>4</sup> Segundo o respondente, a organização estava em período de planejamento e, pontualmente este ano, não executou ações ambientais.

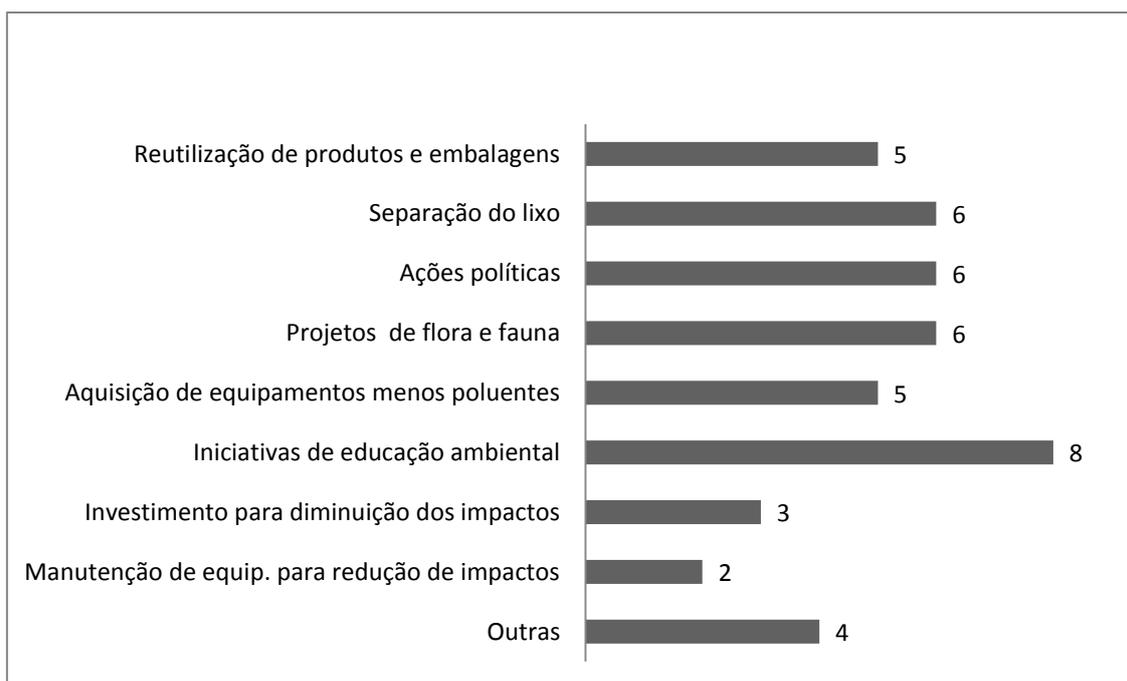
1.0 (KALAMARAS, 2016), que permitiu gerar grafos para elucidação das relações organizacionais e cálculos para os índices de centralidade expostos anteriormente.

### **3. Resultado e Discussão**

#### **3.1 Características das ONGs ambientais**

De acordo com os dados informados pelas 36 organizações participantes, 17 (47,22%) mantêm ao menos uma ação voltada para a sustentabilidade ambiental em suas organizações, ou seja, possuem alguma atuação em relação ao contexto ecológico. No entanto, apenas nove (25%) se autodenominam ambientais e destas, apenas oito (22,22%) desenvolveram atividades ambientais em 2015. Esse resultado é próximo à média nacional (21,8%) encontrada em pesquisa da ABONG (2010). Em Palmas, sete entre as oito instituições que se classificaram como ambientais, declararam que esse tema esteve presente desde a fundação das ONGs. Afirmaram que, mesmo envolvidas em diversas lutas, sempre consideraram a causa ambiental. Porém, entre essas oito organizações, apenas três (37,5%) assinalaram a temática ambiental como o principal eixo de serviço da organização, o que corresponde a 8,3% das 36 ONGs de apoio social.

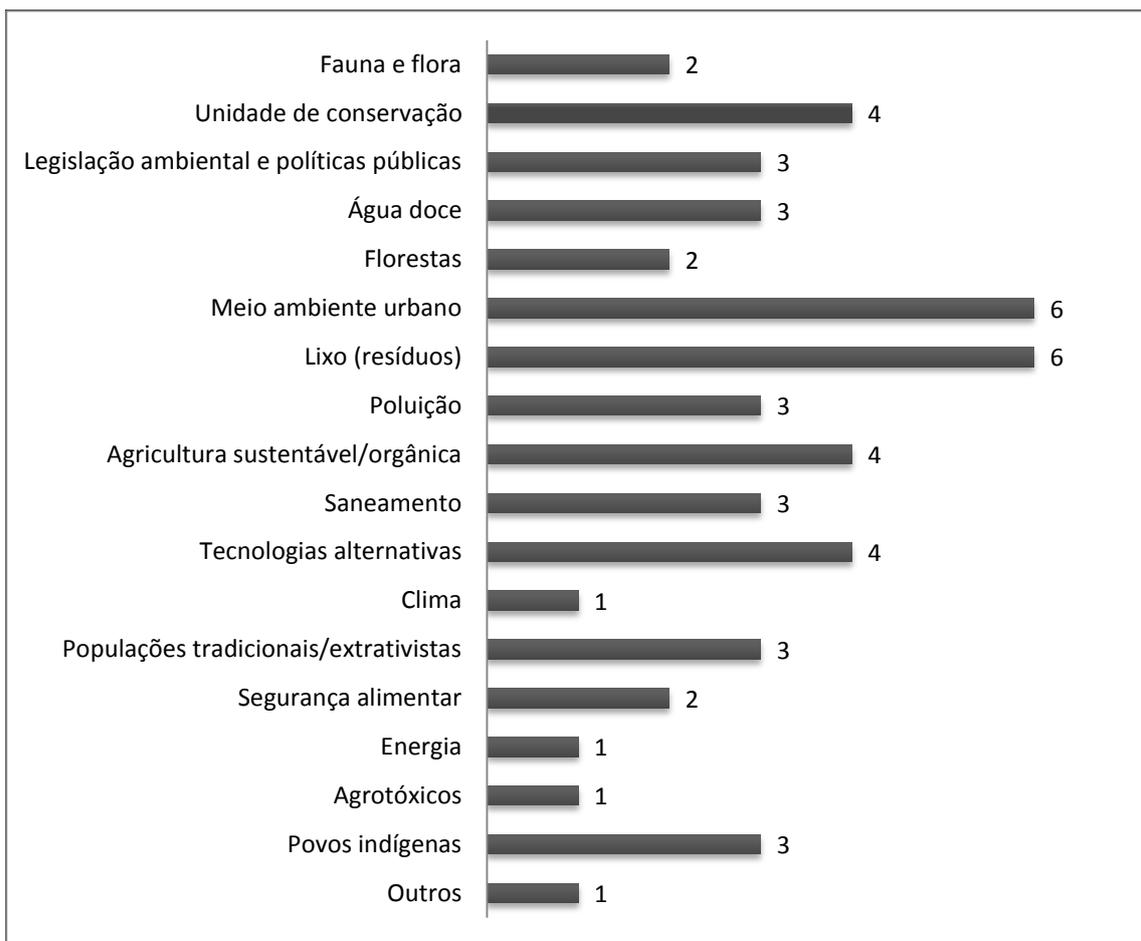
Na Figura 1, estão relacionadas as ações para a redução do impacto ambiental e o número de ONGs ambientais que as praticaram em 2015. Ressalta-se que os entrevistados tiveram a possibilidade de escolhas múltiplas.



**Figura 1** - Ações para a redução do impacto ambiental e o número de Organizações Não Governamentais Ambientais que as praticaram no ano de 2015, no município de Palmas-TO, Brasil.

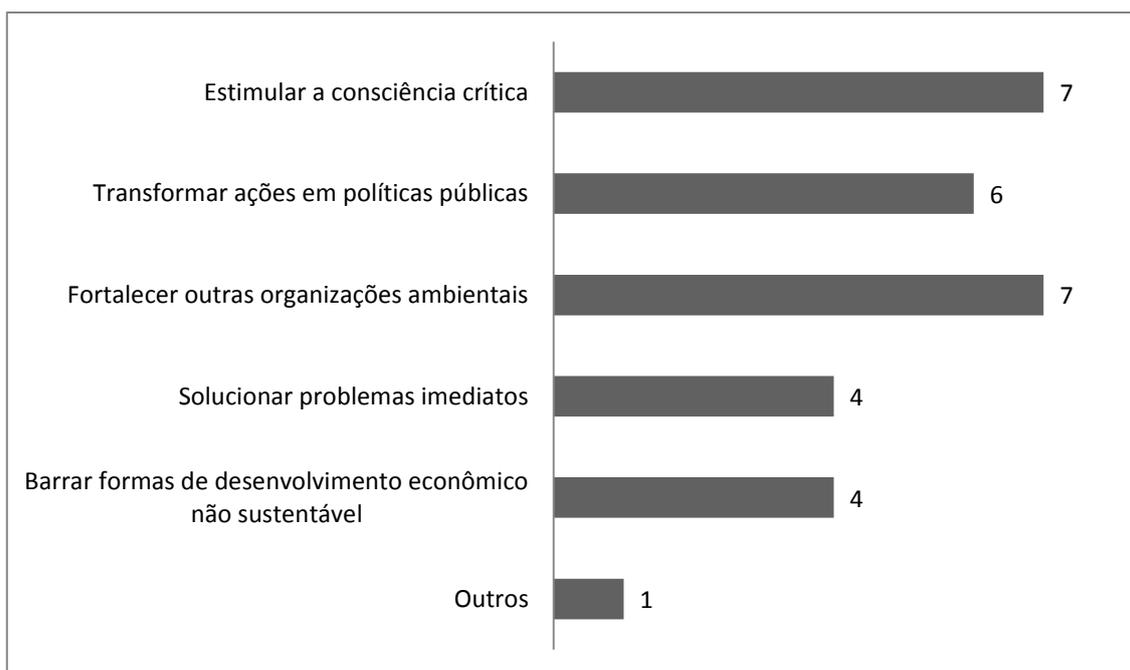
Os resultados demonstrados na Figura 1 apontam que as oito instituições apresentam iniciativas de educação ambiental, e que mais da metade das organizações mantém alguma prática de separação de lixo, projetos na área de fauna e flora, ações políticas, reutilização de produtos e embalagens e aquisição de equipamentos menos poluentes.

Quanto aos principais eixos temáticos trabalhados por essas organizações (Figura 2), destacam-se o lixo (resíduos) e o meio ambiente urbano como maiores fontes de preocupação e mobilização, seguidos por tecnologias alternativas, agricultura sustentável/orgânica e unidades de conservação. Tais eixos temáticos foram elencados pela ABONG (2010) em “Sustentabilidade das ONGs no Brasil: acesso a recursos privados”. Essa questão permitiu escolhas múltiplas.



**Figura 2** - Eixos temáticos e número de Organizações Não Governamentais Ambientais que os desenvolvem, no município de Palmas -TO, Brasil.

Foram levantados os objetivos dos programas e das ações desenvolvidos pelas ONGs ambientais do município. Tais objetivos foram extraídos do anuário “Análise Gestão Ambiental” (OINEGUE, QUAGLIO, SECCO, 2013). Este item possibilitou múltiplas respostas. A Figura 3 expõe o número de ONGs ambientais que apresentam esses objetivos.



**Figura 3** - Número de Organizações Não Governamentais ambientais e seus objetivos quanto aos programas e ações no município de Palmas - TO, Brasil.

Constata-se, pela Figura 3, que a estimulação da consciência crítica e o fortalecimento de outras organizações ambientais são as principais metas organizacionais. O perfil das ONGs ambientais de Palmas-TO acompanha a tendência nacional, apresentada pelo anuário “Análise Gestão Ambiental” (OINEGUE, QUAGLIO, SECCO, 2013). Este documento relata pesquisa realizada com 327 ONGs no Brasil, no qual é demonstrado que 93,9% das ONGs ambientais trabalham com educação ambiental, enquanto 100% das ONGs ambientais de Palmas realizam essa atividade. Quanto aos objetivos priorizados por essas instituições, 91,7% das ONGs ambientais nacionais procuram estimular a consciência crítica, resultado bastante próximo do encontrado no município de Palmas-TO (87,5%). Os pontos discutidos destacam-se em ambas pesquisas.

Com o intuito de averiguar se as ações das organizações pesquisadas são eficazes, bem como seus resultados para os usuários, levantou-se a opinião dos gestores das organizações sobre os impactos das ações das ONGs, estabelecendo cinco eixos temáticos nas respostas: propagação de valores e informação; mudança de atitude; engajamento em atividades ecológicas; inclusão social (por meio de serviços ao meio ambiente); e criação de vínculos entre atores sociais. Tais eixos enquadram-se nas seguintes

categorias analíticas: Educação Ambiental; Ações Efetivas; e Ambiente como Meio de Inclusão e Interação Social.

Na Tabela 1 encontra-se descrita, em ordem decrescente, a distribuição em números absolutos e porcentagens dos referidos eixos temáticos. Vale ressaltar que as respostas não foram mutuamente exclusivas, uma vez que poderiam ser inseridas em mais de um eixo.

**Tabela 1** - Frequências de respostas dos gestores sobre os principais tipos de impactos gerados pelas ações das ONGs sobre os usuários, de acordo com os eixos temáticos e categorias pré-estabelecidos, Palmas - TO, Brasil.

<b>Eixos Temáticos</b>	<b>Categorias</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Propagação de valores e informação	Educação ambiental	5	62,5%
Mudança de atitude	Ações efetivas	3	37,5%
Engajamento em atividades ecológicas		2	25,0%
Inclusão social (por meio de serviços ao meio ambiente)	Ambiente como meio de inclusão e interação social	2	25,0%
Criação de vínculos entre atores sociais		1	12,5%

A maior frequência para o eixo “propagação de valores e informação”, na categoria “educação ambiental”, é coerente com os dados apresentados nas Figuras 1 e 3, as quais demonstram que a ação mais praticada pelas ONGs ambientais são as “iniciativas de educação ambiental” e o principal objetivo é o “estímulo da consciência crítica”, respectivamente.

A educação ambiental assume, cada vez mais, uma função transformadora, a qual lida diretamente com a co-responsabilização do indivíduo na promoção do desenvolvimento sustentável (JACOBI, 2003). Nesse aspecto, a educação ambiental é o primeiro passo para que o indivíduo alcance uma mudança efetiva.

Nesse sentido, as ONGs são instrumentos que possibilitam discussões de caráter ético-ambiental que, raramente, encontram representatividade no atual sistema econômico, por contrastar com sua ideologia.

Na Tabela 1, verifica-se a igualdade dos valores quanto à opinião dos gestores para as categorias de “Educação ambiental” e “Ações efetivas”, com valores absolutos de 5 para cada. Assim, pode-se inferir que a realização do trabalho de educação ambiental tem produzido os efeitos desejáveis e, por meio da propagação de informações e valores, os usuários partem do conhecimento teórico para as ações de caráter prático (ações efetivas).

Em relação aos eixos “Criação de vínculo entre atores sociais” e “Inclusão social por meio de serviços ao meio ambiente”, constata-se que formaram uma terceira categoria, que trata a questão ambiental como possibilidade de interação e inclusão social. Esse item demonstra que as questões ambientais perpassam pelo âmbito social e que a educação comprometida com a temática ambiental deve considerar cenários mais amplos, que extrapolem o terreno exclusivamente ecológico.

[...] “O foco de uma educação dentro do novo paradigma ambiental, portanto, tenderia a compreender, para além de um ecossistema natural, um espaço de relações socioambientais historicamente configurado e dinamicamente movido pelas tensões e conflitos sociais. [...] Afinal, não podemos compreender as práticas educativas como realidades autônomas, pois elas só fazem sentido a partir dos modos como se associam aos cenários sociais e históricos mais amplos” (CARVALHO, 2001, p.45).

Assim, compreende-se que a temática ambiental gera resultados concretos ao propiciar transformações sociais e, no sentido inverso, as alterações culturais e sociais são consideradas como vias de acesso à mudança das práticas ambientais (LAYRARGUES; 2006).

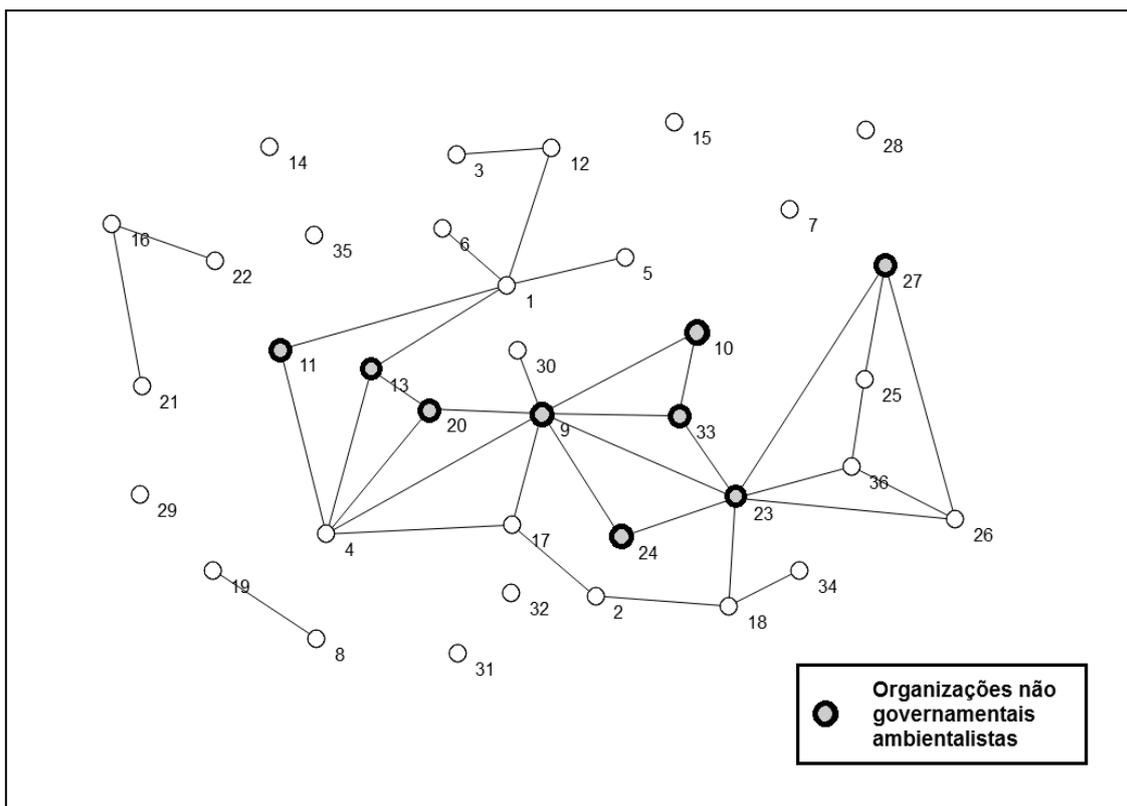
### 3.2 A ONGs ambientais na dinâmica de rede

O discurso da sustentabilidade, a partir da década de 70, expandiu-se gradualmente, influenciando diversos campos do saber, e tornou-se expressivo em questões de meio ambiente e desenvolvimento social (LIMA, 2003). Segundo o autor, nessa década, pode-se verificar seus sinais em diversos movimentos sociais mundiais em defesa da ecologia, nas conferências internacionais e nos trabalhos de autores pioneiros nesse campo.

O debate da sustentabilidade também se incorporou nas práticas e ideologias das ONGs ambientalistas no Brasil, principalmente após a década de 1980, quando houve uma rápida expansão e profissionalização dessas instituições (VIOLA, 1991).

Mesmo atuando em áreas afins, essas organizações ambientais por vezes não concretizam parcerias efetivas entre si. Um dos motivos relaciona-se ao caráter polissêmico do termo sustentabilidade, assim como dos conceitos de meio ambiente, ambientalismo e desenvolvimento ecológico. Vinculado a essas questões há diversos interesses sociais, cujo significado é objeto de disputa em construção/desconstrução permanente (LIMA, 2003; MIKHAILOVA, 2004; ALEXANDRE; KRISCHKE, 2006). Apesar de diversas discussões sobre sustentabilidade ambiental, poucos estudos abordaram as ONGs ambientais sob a perspectiva de sua atuação na rede.

A Figura 4 destaca as nove organizações pesquisadas que se autodenominaram ambientalistas, mostrando a rede de relações estabelecida entre elas e com as outras 27 ONGs de apoio social do município de Palmas-TO.



**Figura 4** – Rede de relações estabelecida entre as Organizações Não Governamentais ambientalistas e as outras 27 Organizações Não Governamentais de apoio social do município de Palmas -TO, Brasil.

No mapa de rede, nota-se a importância que as ONGs ambientais possuem para o conjunto, pois algumas dessas organizações são as que possuem maiores pontuações nas análises de centralidade. Ressalta-se que essas análises foram realizadas incluindo as 36 ONGs de Apoio Social do município de Palmas -TO.

De todas as instituições elencadas neste estudo, as duas com maior pontuação em centralidade de intermediação são os atores 9 (120,33) e 23 (95,167), ambas de caráter ambiental, portanto importantes mediadores de fluxos entre os vínculos. Como a centralidade de intermediação mede o controle que um indivíduo possui sobre a interação com outros que não estão diretamente conectados (VOTANO; PARHAM; HALL, 2010), esses atores também são considerados importantes, pois “possuem o poder de controlar as informações transmitidas na rede e o caminho que elas podem percorrer” (COX; MELO; RÉGIS, 2010, p.84). A retirada de ambos os atores causaria uma perda significativa das ligações e uma desestruturação geral da atual dinâmica.

O ator 9 é o que possui maior pontuação nas categorias de análise de centralidade (com grau de centralidade 8, centralidade de intermediação 120,33 e centralidade de proximidade 0,458), configurando-se como elemento central e articulador da rede de relações apresentada, favorecendo o fluxo de toda a rede.

Na Figura 4, verifica-se algum grau de coesão entre as ONGs ambientais e, mesmo que alguns dos atores não mantenham contato diretamente entre si, estão ligados através da intermediação entre vínculos, formando uma “sub-rede”. A única exceção é o ator 11 que, em relação aos demais, está isolado.

Em uma mesma rede, onde há um tema central, divergentes áreas de interesse podem ser focadas. O estudo de atores com temática comum, como a questão ambiental, pode se tornar um catalizador, que auxilia a compreensão das relações da rede.

[...] “Dependendo dos interesses que movimentam as interações na rede, esta pode ser seccionada em grupos que geralmente são profícuos para a própria rede, isto por mobilizarem atores que estejam envolvidos com uma temática específica. Favorecem, igualmente, ligações entre atores com o poder de direcionar os fluxos de informação a indivíduos que partilham de interesses comuns, proporcionando maiores condições para a inovação”(TOMAÉL, 2005).

A Figura 2 indica essa problemática, ao apresentar a variedade de campos e áreas de ação das ONGs que, em geral, atuam em múltiplas questões simultaneamente. Embora não seja impeditivo para a reunião de forças, a presença de diversos temas constitui fator dificultador, uma vez que não há foco ou ponto comum que concentre os esforços.

[...] “a atuação das ONGs dos países do hemisfério Sul é menos precisa e tende a não separar desenvolvimento e meio ambiente. Algumas apresentam características de atuação mais urbana; outras apoiam comunidades de base limitada, como os povos indígenas e pequenos agricultores” (OLIVEIRA, 2006, p.48).

Encontrar pontos comuns constitui importante ferramenta metodológica, pois permite localizar campos ideológicos e práticos, estimular trabalho conjunto, incentivar eventos que facilitem a interação social dos grupos e criar novos laços na rede.

#### **4. Considerações Finais**

O estudo da caracterização das ONGs ambientais e de seu papel na rede de ONGs de apoio social favorece a criação de ferramentas para a construção de um cenário ainda pouco explorado (terceiro setor), que estimule o desenvolvimento do protagonismo social, uma vez que sua importância é subestimada.

As ONGs ambientais de Palmas têm forte expressão para o quadro geral de redes, compondo uma sub-rede. Algumas dessas organizações são atores-chaves, importantes mediadores de fluxos e contatos, de modo que sua ausência causaria problemas estruturais para o sistema. Assim, além da importância para as causas ambientais, as ONGs ambientalistas têm função relevante para as redes sociais das quais participam.

A pluralidade de visões e missões sobre sustentabilidade e meio ambiente se expressa nas ações das ONGs e é refletida pela quantidade de áreas de atuação das ONGs entrevistadas. Essa heterogeneidade pode constituir obstáculo para o aprofundamento e articulação das relações entre as ONGs no município, pois ao mesmo tempo em que a diversidade promove a flexibilidade de atuação, também pode gerar dispersão e ausência de objetivos claros, dificultando o trabalho conjunto em maior escala.

Para o fortalecimento da rede, sugere-se o uso de temáticas comuns como elementos aglutinadores em propostas coletivas.

## 5. Referências Bibliográficas

Associação brasileira de organizações não governamentais: abong. **Sustentabilidade das ONGs no Brasil: acesso a recursos privados**. Sindicato Nacional dos editores de livros, Rio de Janeiro, p. 92, 2010.

ALEXANDRE, A. F.; KRISCHKE, P. J. Aspectos da institucionalização das políticas de sustentabilidade no Brasil. **Revista internacional interdisciplinar interthesis**, v. 3, n. 2, 2006.

CARVALHO, I. C. M. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.**, v. 2, n. 2, p. 43–51, 2001.

COX, M.; MELO, P. DE; RÉGIS, H. Posições centrais em uma rede social: a estrutura da rede de ONGs de Pernambuco associadas à ABONG. **Gestão Contemporânea**, p. 69–96, 2010.

CRAVO, C. et al. **Estudo Diagnóstico das ONG em São Tomé e Príncipe**. ed. Associação para cooperação entre os povos: ACEP. p. 41, 2010.

FREEMAN, L. C. Centrality in Social Networks Conceptual Clarification. **Social Networks**, v. 1, n. 3, p. 215–239, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Informações estatísticas**. 2010. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=172100>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA: IPEA. **Sustentabilidade Ambiental no Brasil: sustentabilidade, economia e bem-estar humano**. Livro 7, Brasília, P. 83, 2010.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Caderno de Pesquisa**, v. 118, p. 189–205, 2003.

KALAMARAS, D. V. **SOCIAL NETWORK VISUALIZER** (SocNetV 1.0). Disponível em: < <http://socnetv.sourceforge.net/>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

LAYRARGUES, P. P. Muito além da natureza: educação ambiental e produção social. Loureiro, C.F.B.; Layrargues, P.P. & Castro, R.C. De (Orgs.) **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez. p. 72-103. 2006, p. 1–14, 2006.

LEDA, A.; CASTRO, C. DE; ROCHA, G. S. Modelos de gestão de ONGs ambientalistas: um estudo comparativo em três organizações baianas. **EnANPAD**, p. 1–15, 2003.

LEIS, H. R. Parte II: As críticas do ambientalismo. In: **A modernidade insustentável**. p. 178, 2004.

LIMA, G. DA C. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente & Sociedade**, v. 6, n. 2, p. 99–119, 2003.

MIKHAILOVA, I. Sustentabilidade: Evolução Dos Conceitos Teóricos E Os Problemas Da Mensuração Prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**, n. n°16, p. 22–41, 2004.

NADER, L. O papel das ONGs no Conselho de Direitos Humanos da ONU. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. Ano 4, n. Número 7, p. 6–25, 2007.

OINEGUE E; QUAGLIO S; SECCO A. **Análise gestão ambiental**. São Paulo: Análise Editorial, 2013.

OLIVEIRA, A. E. S. DE. **ONGs Ambientalistas: desafios e gestão de agentes voluntários de políticas ongs ambientalistas**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília - UNB, p. 141, 2006.

PREFEITURA DE PALMAS. **Conheça Palmas**. Disponível em: <<http://www.palmas.to.gov.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

RAMOS, S. O papel das ONGs na construção de políticas de saúde: a Aids, a saúde da mulher e a saúde mental. **Revista Ciencia e Saúde Coletiva: Doenças Crônicas Não-Transmissíveis (DCNT)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p.1067-1078, 2004

TOMAÉL, M. I. Das redes sociais à inovação. **Ci. inf. Brasília**, v. 34, n. 2, p. 93–104, 2005.

UHR, D. D. A. P.; UHR, J. F. Z.; MUELLER, B. P. M. Como as ONGs Ambientais Influenciam a Política Ambiental Brasileira? **Revista Brasileira de Economia**, v. 66, n. 1, p. 79–98, 2012.

VIOLA, E. O movimento ambientalista no Brasil (1971-1991): da denúncia e conscientização pública para a institucionalização e o desenvolvimento sustentável. In: **Encontro anual da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em ciências sociais**, 15, Caxambu, MG, 1991.

VOTANO, J.; PARHAM, M.; HALL, L. **Handbook of Social Network Technologies and Applications**. Boston, MA: Springer US, p. 736, 2010.

## APÊNDICE 2

### QUESTIONÁRIO APLICADO AOS RESPONDENTES DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS QUE POSSUEM ATIVIDADES DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

1. Nome da instituição: \_\_\_\_\_
2. Nome do respondente: \_\_\_\_\_
3. Tempo que o respondente possui atuando na organização: \_\_\_\_\_
4. A quanto tempo a organização passou a adotar ações voltadas para a sustentabilidade ambiental? \_\_\_\_\_

Em relação ao ano de 2015, responda as questões abaixo:

5. A instituição desenvolveu algum projeto/ação/campanha/oficina/palestra ou outra atividade voltada para a sustentabilidade ambiental? ( ) Sim ( ) Não

a. Quais? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Essas atividades foram desenvolvidas em parceria com outras instituições? ( ) Sim ( ) Não

Caso tenha respondido sim, enumere as instituições parceiras, através da tabela abaixo:

Nome da Instituição Parceira	Iniciativa (ONG, privada ou estatal)

7. Além do mencionado acima, a organização pratica algumas dessas ações abaixo:

( ) Reutilização de produtos e embalagens, de modo a concertar, transformar ou reutilizar produtos com defeitos?

( ) Separação do lixo, de modo a reciclar e contribuir para a economia dos recursos naturais, a redução da degradação ambiental e a geração de empregos?

( ) Pressionar o sistema político, exigindo de partidos, candidatos e governantes propostas e ações que viabilizem e aprofundem práticas de sustentabilidade ambiental?

( ) Pratica ou apoia projetos de proteção ou recuperação da flora e da fauna.

- ( ) Aquisição de equipamentos menos poluentes ou que geram menos riscos ambientais.
- ( ) Iniciativas de educação ambiental tanto interna quanto externa à empresa.
- ( ) Investimento em mitigação de impactos gerados.
- ( ) Manutenção periódica de equipamentos que resultem em redução de impactos ambientais.
- ( ) Não possui nenhuma iniciativa para reduzir impacto e promover melhor desempenho
- ( ) Outras iniciativas não apontadas. Indique quais:

---

---

8. Em quais áreas temáticas a instituição trabalha? (pode-se escolher mais de uma alternativa).

- a. Fauna e flora ( )
- b. Unidades de conservação ( )
- c. Legislação Ambiental e políticas públicas ( )
- d. Água doce ( )
- e. Florestas ( )
- f. Meio ambiente urbano (habitação, transporte, arborização) ( )
- g. Lixo (resíduos) ( )
- h. Poluição ( )
- i. Agricultura sustentável e/ou orgânica ( )
- j. Saneamento ( )
- l. Tecnologias alternativas ( )
- m. Clima ( )
- n. Populações tradicionais e extrativistas ( )
- o. Segurança alimentar ( )
- p. Energia ( )
- q. Oceanos ( )
- r. Pesca ( )
- s. Agrotóxicos ( )
- t. Povos indígenas ( )

u. Produtos químicos ( )

v. Alimentos Transgênicos ( )

x. Espeleologia ( )

z. Outros ( )

9. Qual os objetivos dos programas e ações desenvolvidos na instituição? (pode-se escolher mais de uma alternativa).

a. Estimular a consciência crítica ( )

b. Transformar suas ações em políticas públicas ( )

c. Fortalecer outras organizações ambientais ( )

d. Solucionar problemas imediatos ( )

e. Barrar formas de desenvolvimento econômico não sustentável ( )

f. Outras ( )

10. Sob seu ponto de vista, as ações de sustentabilidade desenvolvidas por essa instituição gerou algum impacto para a população atendida? Qual(is)?

---

---

## **CAPÍTULO IV**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As organizações não governamentais transformam e são transformadas pelas comunidades onde atuam, o que gera relação de interdependência entre diversos atores sociais. O estudo das ONGs possibilita conhecimento amplo de determinada realidade social.

As ONGs trabalham imersas em complexas redes de inter-relações, movimentando o fluxo de recursos e informações entre os participantes. Contudo, a rede formada pelas relações é praticamente desconhecida e sua configuração transforma-se em cada território, o que dificulta estudo e intervenções em níveis sistêmicos.

Os resultados deste trabalho auxiliam no desenvolvimento de estratégias e pesquisas para o fortalecimento da área. O estudo de centralidade de rede mostrou as características estruturais do sistema, identificando pontos favoráveis para intervenções e desenvolvimento de ações. As ONGs ambientais destacam-se quanto aos índices de centralidade, com papel relevante no seu campo específico e também na rede completa de apoio social.

As ONGs ambientais formam uma sub-rede, mantendo forte representatividade perante o quadro geral. O estudo apontou áreas temáticas comuns de atuação entre as instituições, que poderão ser utilizadas para consolidação dos vínculos. Os resultados gerados pelas ações dessas organizações impactam, principalmente, no campo da educação ambiental.

Através deste estudo, observou-se que muitos são os potenciais a serem ampliados e, apenas por meio de uma análise atenta, é que novos caminhos podem ser distinguidos.

As redes de ONGs de Apoio Social são pouco exploradas, com potencialidade de expansão. Novos estudos sobre o conhecimento de seus atores, suas relações e sua importância no contexto coletivo, são determinantes para qualquer ação ou intervenção sistêmica. Através da análise de rede, novos aportes metodológicos poderão ser criados ou implementados.